



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS - CURSO DE MESTRADO**

**O ENSINO DA LÍNGUA TERENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA
ESCOLA POLO MUNICIPAL INDÍGENA ALEXINA ROSA
FIGUEIREDO**

ADIANE QUELRI VALENTE FRANÇA

CAMPO GRANDE, MS
2022



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO
SUL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE LINGUAGENS - CURSO DE
MESTRADO**

**O ENSINO DA LÍNGUA TERENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA
POLO MUNICIPAL INDÍGENA ALEXINA ROSA FIGUEIREDO**

**THE TEACHING OF THE TERENA LANGUAGE IN EARLY CHILDHOOD
EDUCATION AT THE ALEXINA ROSA FIGUEIREDO MUNICIPAL
CENTER INDIGENOUS SCHOOL**

**KIXOKÚ ÍHIKAXEOVO EMÓ'U TÊRENOE XAPÁKUKÉ
KALIVONOHÍKO YA IHÍKAXOVOKUTI POLO MUNICIPAL INDÍGENA
ALEXINA ROSA FIGUEIREDO**

ADIANE QUELRI VALENTE FRANÇA

Orientador: Professor Doutor Rogério Vicente Ferreira.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de concentração: Linguística e Semiótica

Linha de Pesquisa: Descrição e análise linguística

**CAMPO GRANDE, MS
Novembro, 2022**



Banca Examinadora

Professor Doutor Rogério Vicente Ferreira
Presidente – Orientador (UFMT).

Professora Doutora Patrícia Graciela da Rocha
Examinador interno (UFMS)

Professora Doutora Caroline Pereira de Oliveira
Examinador externo (UFMT)

Professor Doutor Paulo Baltazar
Suplente (UFMS)

Aprovada em: 18/ 11 / 2022



RESUMO

Esta pesquisa versa sobre o ensino da língua Terena para a educação infantil na Escola Indígena Alexina Rosa Figueiredo que fica na Aldeia Indígena Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti em Mato Grosso do Sul – MS. Tem como objetivo principal averiguar as práticas de ensino referente ao uso da língua Terena na educação para crianças de quatro e cinco anos de idade e verificar se a língua Terena é a língua de instrução usada com crianças indígenas desta faixa etária na escola pesquisada, pois existe uma preocupação mundial referente ao fortalecimento das línguas indígenas, uma vez que a maioria corre risco de extinção e, a aldeia Buriti, engrossa essa estatística, pois há poucos falantes da língua materna, o que indica a necessidade de políticas linguísticas para o fortalecimento da língua na aldeia citada. A escolarização intercultural e diferenciada proporciona o uso da língua materna, o que torna a escola uma importante ferramenta para a sua manutenção. Para atingir as expectativas investigativas, foi utilizada a metodologia qualitativa que constou de levantamento bibliográfico sobre as legislações que garantem o ensino da língua indígena na escola e autores como Nincao (2003 - 2008), Cavalcante e Maher (2006), Farias (2015), Toneto (2008), Oliveira (2003), Hamel (2003), Knapp (2012), Brighenti e Chamorro (2012), Rajagopalan (2013), Altenhofen (2013), Maher (2013) e Lagares (2013) entre outros. Foi utilizada também a metodologia quantitativa, para dar suporte às entrevistas realizadas com dezenove pessoas, sendo 09 professores, que já atuaram na educação infantil e na gestão escolar e dez pais da comunidade, para compreender como ocorre o ensino da língua, na escolarização infantil, na aldeia em questão. Os resultados deste estudo evidenciam um panorama da situação da língua indígena na comunidade e reforça a necessidade de políticas linguísticas para a escola indígena.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena, Política Linguística, Educação Infantil.



ABSTRACT

This study focused on the teaching of the Terena language in early childhood education at the Alexina Rosa Figueiredo Indigenous School located in the Buriti Indigenous Village, in the municipality of Dois Irmãos do Buriti in Mato Grosso do Sul, Brazil. Its main objective is to investigate the teaching practices regarding the use of the Terena language in education for four- and five-year-old children and to verify if the Terena language is the language of instruction used with Indigenous children of this age group of the school in this study. There is a global concern regarding the strengthening of Indigenous languages since most are at risk of extinction, and Buriti Village adds to this statistic, as there are few first-language speakers, which indicates the need for strategies to strengthen the language. Intercultural and differentiated schooling provides for the use of this Indigenous language, which makes the school an important tool for its maintenance. The qualitative methodology used in this study consisted of a bibliographic survey on the legislation that guarantees the teaching of Indigenous languages at school, and authors such as Nincao (2003 - 2008), Cavalcante and Maher (2006), Farias (2015), Toneto (2008), Oliveira (2003), Hamel (2003), Knapp (2012), Brighenti and Chamorro (2012), Rajagopalan (2013), Altenhofen (2013), Maher (2013) and Lagares (2013), among others. As for the quantitative methodology, interviews were carried out with nineteen people, nine of which were teachers who have already worked in early childhood education and school management, in addition to ten parents in the community, to understand how language teaching occurs in the children's schooling in the village in question. The results of this study give an overview of the linguistic situation of this Indigenous language in the community, reinforcing the need for language policies for Indigenous schools.

Keywords: Indigenous School Education, Language Policy, Early Childhood Education.



KALI EXETÍNATI

Enepora ihíkauti, hará komómo, kixokú íhikaxeokono “emó’u têrenoe” xoko íhíkaxovokuti Indígena Alexina Rosa Figueiredo, xoko ipuxovokuti Buriti óvo ra íhíkauti. Município de Dois Irmãos da Buriti em Mato Grosso do Sul.

Hará kuati ivávako, nakixóvo íhikaxeokono kalivónohiko apêti kuaturu, yoko apêti cingu, motovâti ako’oyea aúke’e ra emo’úti, kónoko koyuhoyea úti ra vem’ou uhá koetine xoêna, komómotimaka koyúhoyeakono ra emó’u têrenoe xapákukehiko kalivónohiko, ivávakono vó’okuke anêko xanehiko heu koetíke mêun itukínoati usóneu koêti káxe, hainamo auke’ra koehâti “língua terena”, hinâra véxea ra uké’eko ra vemó’u, konokino ipuxovokuti buriti opósiko kixoku akoóyeya auke’e ra emo’u têrenoe.

Enepora kixóku íhikaxea úti koêhati “intercultural” poréxovi vitóponea enepone kalivonohiko, peréxovi xúnati íhíkaxovokuti.

Enepone koehâti “metologia qualitativa” hinâra kaxunákovi motovâti itóponea kixoku vitúkeovo, hînara ituko koêhati “legislação”, motovati úhepea ra víhikau.

Nincao (2003 - 2008), Cavalcante e Maher (2006), Farias (2015), Toneto (2008), Oliveira (2003), Hamel (2003), Knapp (2012), Brighenti e Chamorro (2012), Rajagopalan (2013), Altenhofen (2013), Maher (2013) e Lagares (2013) entre outros.

Enepora koehâti metologia quantitativa, vitúko pesquisa xapákuke viyénoxapa, 19 koe xânehiko, 9 koe íhíkaxoti kalivonohiko, yoko yehí koe ha’á kalivonohiko, motovati véxea nakixovo íhikaxeokono ra têrenoe xoko kalivónohiko.

Enepora vêho xokóyeye ra íhíkauti, komomâtimo úti nakóyeye kixokuhiko íhikaxeokono ra vemóu têrenoe, motovâti káxunakeono ra kixoku vitúkeovo.

Emo’úti-xâve: kixóku íhikaxea kopénati, políticas linguísticas, kixoku íkaxeokono kalivôno



AGRADECIMENTOS

Primeiramente a ITUKÓ'OVITI que me deu a vida e me sustenta diariamente. Obrigada por nunca soltar a minha mão e me guiar em todos os momentos.

Aos meus pais, Alberto e Reinalda, que são minhas inspirações e sempre me apoiaram em todas as etapas da minha vida.

Ao meu esposo Luciano pelo companheirismo, apoio e incentivo durante os meus estudos.

Aos meus Filhos Roberto Lurian, meu primogênito que sempre está ao meu lado me dando força e coragem para seguir em frente e Raoni Luciano, que chegou no meio do curso para mostrar que sou mais forte do que sempre pensei.

Aos meus irmãos Carla Soliane, Kauê, Welington, Ageu e Raniel Exókety.

Ao meu orientador Professor Doutor Rogério Vicente Ferreira, primeiro por me inspirar ainda na graduação, a buscar saber mais sobre a língua materna do meu povo Terena, e pelas orientações e ensinamento no decorrer dos anos de mestrado.

A minha coorientadora Professora Doutora Denise Silva pelas orientações e palavras de encorajamento, quando pensei em desistir, mostrando-me que sou capaz.

Aos colegas de curso, mesmo sendo online, as aulas tiveram grande parcela em meu aprendizado durante o curso, principalmente a Shirley Alzeman, Rosinete Barbosa Pedro e Grayson Wellington Toliver.

Aos professores da graduação que me inspiraram para que eu pudesse entrar no mestrado que são Ana Alice Gargione, Aronaldo Júlio, Nilza Martins, Paulo Baltazar, Celma Francelino e Onilda Sanches Nincao.

Aos professores da escola Alexina Rosa Figueiredo, em especial aos que contribuíram para essa pesquisa.

Aos pais da comunidade, que me concederam as entrevistas.

À minha escola Natividade Alcantara Marques, onde trabalho como agente de limpeza, por me apoiarem e entenderem alguns momentos que precisei me ausentar por conta do curso.

E claro, que não posso deixar de agradecer ao Cacique Rodrigues e às lideranças locais que permitiram que as portas estivessem sempre abertas, para que eu pudesse realizar essa investigação tão importante para o povo indígena da aldeia Buriti.



LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PPP - Projeto Político Pedagógico

SIASI - Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena

SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena

MS - Mato Grosso do Sul

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SPI - Serviço de Proteção aos Índios

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional



Figura 1: Cartografia Social com as vias da Aldeia Buriti.....	19
Figura 2: Cartografia Social da Aldeia Buriti com os pontos de referência da Aldeia	19
Figura 3: planejamento da Professora Eva 2021.....	42
Figura 4: Professor explicando para os alunos eu que iria assistir a aula.....	44
Figura 5: As vogais com ilustração de palavras em Terena	45
Figura 6: O professor mostrando a letra para os alunos e falando para os alunos ...	45
Figura 7: Atividade pronta da aluna Ana Julia. (desenho do pé de goiaba (Arâha)...	46
Figura 8: Atividade pronta da Aluna Edilaine desenho de um pé de bocaiuva mais conhecido na comunidade de coquinho (Emúkaia).....	46



LISTA DE QUADROS

Quadro 1: nome das aldeias da Terra Buriti separada por município	18
Quadro 2: Nome das vilas pertencentes a Aldeia Buriti, com o nome dos líderes ...	20
Quadro 3: Professores entrevistados	39



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: Breves Relatos sobre a História do Povo Terena e a Formação da Aldeia Buriti	16
1.1 O povo Terena.....	16
1.2 Aldeia Buriti.....	18
CAPÍTULO II: A Educação Escolar Indígena e a Educação Infantil Indígena na Aldeia Buriti	23
2.1 A Educação Escolar entre os indígenas.....	23
2.2 A Educação Escolar na comunidade da Aldeia Buriti.....	25
2.3 A educação Infantil e educação Infantil Indígena.....	31
CAPÍTULO III: A Realidade do Ensino Infantil dentro da Escola Alexina: a voz de professores, gestores e pais	34
3.1 O ensino Infantil na Escola Alexina.....	34
3.2 Entrevistas com os Professores.....	36
3.3 Entrevistas com os pais.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52
ANEXO	54

INTRODUÇÃO

Sou terena, natural de Aquidauana, moro na Terra Indígena Buriti, a qual me acolheu em seus braços, quando tinha seis anos de idade. Hoje constituí família e sou parte da Aldeia Buriti.

Infelizmente não sou falante da Língua Terena, assim como a maior parte da população da Aldeia Buriti, pois minha geração é fruto do que julgo ser reflexo de uma tentativa de inclusão, que optou por silenciar a língua materna para livrar “os seus descendentes da discriminação” (REIS, 2005, p. 90), pois “no imaginário da imensa maioria de brasileiros, somos um país monolíngue” (MAHER, 2013, p. 117) e “as línguas faladas pelas etnias representavam sinal de atraso” (REIS, 2005, p. 90) para os não indígenas. A diversidade linguística precisávamos nos adequar para sobrevivermos, pois de acordo com Calaforra (2003), a língua é um instrumento que integra ou exclui o sujeito em uma sociedade.

Sei que “A intervenção humana na língua ou nas situações linguísticas não é novidade: sempre houve indivíduos tentando legislar, ditar o uso correto ou intervir na forma da língua” (CALVET, 2007, p. 11), e podemos constatar esse fato quando observamos que apenas os anciões da aldeia Buriti falam a língua Terena, e muitas vezes nem a praticam mais, por não terem com quem falar.

A princípio, meu interesse era pesquisar a variação da Língua Terena de uma comunidade para a outra, mas no primeiro ano do curso de mestrado veio a pandemia da Covid-19 e ficamos restritos em nossa comunidade. Precisei repensar minha proposta de pesquisa, e observando a realidade da minha aldeia surgiu a ideia de falar sobre o ensino da língua Terena na Educação Infantil na Escola Alexina Rosa Figueiredo, pois minha primeira graduação é em pedagogia, e trabalhar com os alunos da educação infantil, etapa do ensino em que as crianças estão propensas a novas descobertas me encanta. Esse encantamento despertou o interesse em investigar se a língua Terena é a língua de instrução nesta fase da escolarização das crianças e, desta forma, poder contribuir com estudos sobre políticas linguísticas que fortaleçam práticas pedagógicas para a manutenção da língua Terena, pois “são raras e pontuais as políticas linguísticas que favorecem, de fato, a manutenção e a ampliação do uso das línguas indígenas no contexto sul-mato-grossense” (MARTINS; CHAMORRO, 2015, p.732).

Em se tratando da diversidade linguística na América do Sul, percebe-se que o Brasil é um país que se destaca, pois possui mais de 222 línguas, das quais “pelo menos

180 são línguas indígenas” (MAHER, 2013), classificadas de acordo com critérios genéticos, com cerca de 43 famílias linguísticas, sendo que muitas dessas línguas fazem parte de conjuntos maiores que são os troncos linguísticos. Há também as línguas independentes, que não têm relação genética com outras línguas. “O Brasil é, portanto, como a maioria dos países do mundo, plurilíngue e multicultural” (OLIVEIRA, 2003, p.7).

Dentro desse contexto, a segunda maior população indígena do Brasil está concentrada no estado de Mato Grosso do sul, e de acordo com Martins e Chamorro (2015) há 11 etnias identificadas, 09 línguas indígenas, 07 famílias linguísticas e 02 troncos linguísticos. Entre essas línguas está a Terena que possui a vitalidade classificada pela UNESCO como língua seriamente em perigo. Isso significa que, somente os avós e as pessoas das gerações mais velhas falam a língua, muito embora haja adultos que a compreendem, mas não a utilizam entre si, tampouco com seus filhos.

Conforme Nincao (2008), o povo Terena está estabelecido principalmente em MS, e vem interagindo com a sociedade não indígena há muito tempo, em uma ação que se fortaleceu, a partir do século XVIII. Ainda que esse fortalecimento tenha ocorrido nesse século, o aprofundamento desses estudos só se consolidou no século XIX (SILVA; FERREIRA; OLIVEIRA, 2014), evidenciando um contato que passou por diversos processos históricos de convívio. Segundo Ribeiro (1959),

Quem viaja pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que corta a região, pode vê-los de enxada à mão trabalhando nos roçados, montados a cavalo cuidando do gado de algum fazendeiro, nas turmas de conservação da própria estrada ou, mais raramente, vendendo abanicos de palha de carandá nas estações. O difícil é identificá-los como índios, uma vez que se vestem, se penteiam, trabalham e vivem como os sertanejos pobres da região. Um ou outro apresentará uma prega mongólica denunciadora ou uma cabeleira negra – lisa – dura, caracteristicamente indígena e quase todos falam um português marcante com um sotaque especial. De resto, mesmo esses traços não chamam muita atenção numa área onde se encontram muitos paraguaios e bolivianos com características semelhantes. Para saber que são indígenas é preciso falar-lhes ou ouvir a gente da região, sempre pronta a identificá-los e a apontar múltiplas singularidades negativas que, a seus olhos, os fazem apartados. (OLIVERA, 1960, p. 9).

Pertencendo ao grande grupo linguístico Aruak, os indígenas Terena do subgrupo Guaná estão distribuídos em treze áreas que compreendem sete municípios de Mato

Grosso do Sul: Em Anastácio (Aldeia Aldeinha), em Aquidauana (Aldeias: Limão verde, Buritizinho, Ipegue, Bananal, Lagoinha e Agua Branca), em Miranda (Aldeias: Cachoeirinha, Lalima, Moreira, Mãe Terra e passarinho), em Dois Irmãos do Buriti (Aldeia Buriti, Nova Buriti, Recanto, Olho da Água, Água Azul, Barreirinho, Oliveira e Lago Azul), em Sidrolândia (Aldeias: Tereré, Corrego do Meio. Nova Corguinho e Nova Tereré) em Rochedo (Aldeia Água limpa) e em Nioaque (Aldeias: Brejão, Taboquinha, Água Branca e Cabeceira). A presença desses povos é muito significativa juntamente com os indígenas Guarani-Kaiowá, na região da Grande Dourados.

Hoje há aldeias Terena em outros estados, como em Mato Grosso nos municípios de Peixoto de Azevedo, Aldeia Kopenoty, e no município de Matupá com as aldeias Kuxonety Poke'e, Inamaty Poke'e e Turipuku. Em Rondônia, há uma área indígena reservada para os Terena, denominada Terra indígena Uty Xunaty, que possui duas Aldeias: a Aldeia Uty Xunaty e a Aldeia Najazeiro. Já no estado de São Paulo na Aldeia Icatu que é de origem Kaingang, mas a maioria da população é Terena.

É importante ressaltar que, para os Terena, apropriação/aprendizagem da língua portuguesa se constitui em uma política linguística utilizada como ação estratégica de sobrevivência junto à sociedade brasileira (NINCAO, 2008).

Partindo do princípio de que o domínio da linguagem é algo imprescindível na construção da identidade étnica, e que “o estabelecimento de políticas linguísticas não são nunca processos neutros, apolíticos ou isento de conflitos” (MAHER, 2013, p. 121), buscou-se com esta pesquisa investigar como se dá o ensino da língua Terena na educação infantil indígena, da Escola Indígena Alexina Rosa Figueiredo na Aldeia Indígena Buriti, localizada no município de Dois Irmãos do Buriti – MS e, para tanto, nos dispomos descrever como acontece o ensino da língua, nesta escola e a partir dessa identificação, refletir sobre a necessidade educacionais linguísticas para crianças de quatro a cinco anos, da aldeia Buriti e, desta forma contribuir para que a língua Terena fique mais forte dentro da comunidade.

Para tanto, a metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa com levantamento bibliográfico e documental, e quantitativa que constou de entrevistas tanto na escola Alexina como na comunidade em geral, em que participaram dezenove pessoas. Assim, entrevistou-se um total de nove professores que atuam/atuaram na educação infantil e na gestão escolar, sendo cinco mulheres e quatro homens, bem como nove pais da comunidade, oito mulheres e dois homens.

A escolha dessas pessoas deveu-se ao fato de que, tanto os professores e gestores,

quanto os pais dos alunos, participaram, vivenciam e/ou vivenciaram todo o processo histórico da discussão e organização da educação e ensino na aldeia e especificamente a questão da educação infantil indígena.

Fazem parte da pesquisa a legislação e as normas específicas para a educação indígena realizada por meio da pesquisa bibliográfica.

Para um melhor entendimento do processo de construção deste estudo, organizamos esta dissertação em três capítulos, sendo que o primeiro aborda uma breve contextualização histórica do Povo Terena, da Aldeia Buriti e da criança e sua educação na/pela comunidade. O segundo capítulo trata sobre a educação escolar indígena, sobre a educação escolar na comunidade da Aldeia Buriti e a educação infantil indígena nesse contexto. No terceiro capítulo, procura-se descrever a realidade do ensino da língua Terena na Escola Alexina Rosa Figueiredo da Aldeia Buriti e as implicações sobre a educação intercultural e bilíngue descrita na RCENEI.

Além dos capítulos, constam neste trabalho a introdução, as considerações finais, as referências e anexos.

CAPÍTULO I: BREVES RELATOS SOBRE A HISTÓRIA DO POVO TERENA E A FORMAÇÃO DA ALDEIA BURITI.

De acordo com Souza e Ferreira (2016) há representados em Mato Grosso do Sul nove grupos indígenas. E este capítulo tem por finalidade apresentar alguns relatos sobre a história do povo Terena e como se deu o início da reserva indígena Buriti, mais especificamente a Aldeia Buriti e foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica.

1.1 O povo Terena

Linguisticamente, os Terena estão vinculados à família Arawak, sendo conhecido como um povo proveniente das regiões do Chaco e Pantanal, chamada na língua Terena de Êxiva, e de acordo com Souza e Ferreira (2016) é o subgrupo mais numeroso e que foi resistente ao contato com os não índios.

Conforme destaca Amado (2019)

Não podemos tomar como marco inicial da história do povo Terena, a citada travessia do rio Paraguai, do oeste para o leste, há não ser, como uma passagem histórica, que marca não uma migração, mas sim um movimento de fuga de parte de meus ancestrais, das guerras que marcam essa situação histórica na região chaquenha. Esta travessia do rio ainda hoje é muito presente na memória dos anciões Terena. A anciã Dona Nena, da aldeia Água Branca, se emociona ao lembrar-se do tempo que nossos patrícios vieram “fugido, com medo de guerra”. Ou seja, “fugiram” dos conflitos no Chaco para outras aldeias Terena que já existiam no lado leste do rio Paraguai, correspondente às atuais aldeias e outras aldeias que foram destruídas durante a guerra contra o Paraguai e/ou pela constituição de fazendas na região, no período pós-guerra. (AMADO, 2019, P.46).

Assim como o Terena Luiz Henrique Eloy Amado, o também Terena Paulo Baltazar (2022), em sua tese de doutoramento traz importantes reflexões, as quais nos últimos anos, tornaram-se grande preocupação para o povo Terena que é descobrir e desestigmatizar as origens de seus ancestrais, que por séculos vem sendo negligenciadas. Outro ponto abordado na tese e que merece ser observado é sobre a região atualmente conhecida como Pantanal Sul-Mato-Grossense, no passado fazia parte do território terena,

pois fazia parte Chaco, e não a história repetida várias vezes erroneamente que os Terena teriam vindo do país vizinho, o Paraguai. “É interessante expor a situação de fronteira para justificar que os Terena não são estrangeiros, uma vez que a invenção de estabelecimento de fronteiras é coisa de Purútuye (pessoas que não são indígenas)”. (BALTAZAR, 2022, p.61)

Os terena dedicavam-se à agricultura e fizeram importantes alianças com os Guaikurus, atualmente conhecidos como Kadiwéu e com os purútuye. Esse contato com a sociedade não indígena vem acontecendo desde pelo menos o século XVIII, conforme Ascoline (2004).

Até se fixarem nas regiões onde vivem atualmente, os povos Arawak viviam em constante movimento geográfico, que aconteciam por dois principais motivos. O primeiro era encontrar terras que fossem apropriadas para o plantio, pois uma característica muito forte desse povo é a agricultura, e o segundo era a troca de bens, “sobretudo no que diz respeito às famosas lâminas de metal de proveniência incaica e que se tornaram conhecidas antes de os europeus ouvirem falar no Eldorado” (CARVALHO, 1998, p. 459).

Boa parte da navegação do rio Paraguai era controlada pelo Paraguai na primeira metade do século XIX, e o desejo do governo paraguaio era de aumentar o seu território até ter acesso ao oceano Atlântico. Com o objetivo de exportar e importar vários produtos por meios marítimos, Solano Lopez — Governante paraguaio naquela época — invadiu, em 1864, a então província de Mato Grosso, por não ter território próximo ao mar, dando início à guerra da Tríplice Aliança, em que se uniram Brasil, Argentina e Uruguai, para combatê-lo.

A tropa brasileira contava, na sua formação, com os escravos, para quem o Imperador D. Pedro II prometeu a liberdade quando a guerra acabasse. Também faziam parte dessa tropa, indígenas do sul de Mato Grosso, entre eles os Terena, Kadiwéu e Guató, os quais tiveram grande participação nessa guerra, sendo que o desfecho e os desdobramentos desse combate poderiam ter sido outro sem a presença deles.

Ainda de acordo Amado (2019) o conflito durou seis anos (1864-1870) e quando terminou a então conhecida Guerra do Paraguai, os Terena começaram a retornar as suas aldeias, as quais em boa parte foram destruídas durante a guerra. Além da destruição encontraram a maior parte de suas terras ocupadas por comerciantes e oficiais desmobilizados do exército brasileiro.

Os territórios ocupados hoje pelos povos indígenas do Mato Grosso do Sul, e também os reivindicados, são fragmentos de um grande território indígena que existia de forma contínua, superando as fronteiras nacionais impostas, e que foi “desintegrado”. Essa ruptura territorial dos Terena frente ao intenso processo de conquista colonial e formação dos Estados Nações, resultou na perda territorial e posteriormente no confinamento nas reservas do SPI. (AMADO, 2019, P.48).

Os Terena lutaram bravamente para defender o Brasil e suas terras ao lado das tropas imperiais, e mesmo assim o direito aos seus territórios não foram garantidos pelo governo imperial. (EREMITES DE OLIVEIRA & PEREIRA, 2007).

Dessa maneira, com o término da guerra o povo Terena ficou em uma situação diferente da que vivia antes do conflito. Eles se viam cada vez mais cercados por fazendas de gado e viam suas plantações serem destruídas e suas terras cada vez mais ser invadidas, fazendo com que a situação na aldeia fosse ficando cada vez mais difícil. Diante das dificuldades, tiveram que procurar serviços em fazendas para terem alimento para sobreviver, no entanto, nessas fazendas os indígenas eram explorados por meio de trabalho escravo.

Outros foram para lugares mais distantes, dando assim mais oportunidade para os fazendeiros de se apossarem de suas terras. Por conta desses acontecimentos, foi que o Cacique Armando Gabriel afirmou, em 2003, que após a guerra os Terena receberam do governo imperial três botinas, sendo "Duas no pé e uma na bunda", fala registrada por Eremites de Oliveira & Pereira, em seus estudos (2007).

Essa Guerra é mencionada pelos Terena, como um grande feito, tem muita importância para esse povo, pois a reivindicação do território Terena na região Buriti está ligada à sua participação nesse conflito (EREMITES DE OLIVEIRA, 2007, 2012).

Na atualidade, os Terena buscam o saber tradicional juntamente com os saberes universais, diante disso, já temos entre o povo Terena médicos, dentistas, psicólogos, enfermeiros, advogados, mestres e doutores em educação, ocupando funções na sociedade que eram ocupadas apenas por não indígenas. Isso faz com que, cada vez mais, os Terena busquem seus direitos enquanto cidadãos brasileiros, diferentemente de seus antepassados que lutaram com armas para defender seus territórios e, ainda assim, foram saqueados. Diante desta constatação, hoje estamos lutando de igual para igual, com o não indígena, para retomarmos o que é nosso, com o papel e a caneta na mão.

1.2 Aldeia Buriti

A Aldeia Buriti faz parte da Terra Indígena Buriti e pertence ao município de Dois Irmão do Buriti, está localizada a 72 km da capital de Mato Grosso do Sul - Campo Grande, sendo a última área reservada para os Terena no tempo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Na década de 1920, essa área pertencia ao município de Campo Grande, sendo garantida aos Terena da Aldeia Buriti, pelo Decreto Estadual nº. 834, de 14 de novembro de 1928. Antes do nome Buriti, a aldeia recebeu outros nomes como Invernadinha e cafezal. De acordo com Pinto (2016)

A reserva de Buriti foi ocupada tradicionalmente desde os meados do século XIX, conforme depoimento do professor Ramão Pinto Alves, onde afirma que o então coronel Nicolau Horta Barbosa foi o grande carrasco do povo indígena principalmente da aldeia Buriti, deixando-os apenas com este pequeno território de 2090 há, uma vez que era de 32.700 hectares comprovado por estudos antropológicos e reafirmado em pesquisa com anciões. (PINTO, 2016, p.33).

Além da Aldeia Buriti a Terra Indígena Buriti conta com mais 15 Aldeias que ficam entre os municípios de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia:

Quadro 1: nome das aldeias da Terra Buriti separada por município.

Dois Irmão de Buriti	Sidrolândia
Água Azul	Córrego do Meio
André	Dez de Maio
Barreirinho	Lagoinha
Buriti	Nova Corguinho
Lago Azul	Nova Nascente
Nova Buriti	Nova Tereré
Olho D'Água	Tereré
Oliveira	
Recanto	
Água Azul	

Fonte: Elaborado pela autora em 2022.

As famílias que começaram a povoar o território Buriti vieram de fazendas vizinhas, onde estavam há tempos e quando chegaram a aldeia já não praticavam mais a sua cultura, pois nas fazendas onde moravam eram proibidos de manifestarem sua cultura, principalmente de falarem a sua língua materna. “Os Terena conseguiram, por meio de estratégias, negociações e resistências, ressignificar sua cultura e sua identidade étnica e

reestruturar sua organização social e política num espaço fixo e homogêneo” (ALCANTARA, 2013, p.37)

Figura 1: Cartografia Social com as vias da Aldeia Buriti.



Fonte: Deivid Marques, da Aldeia Buriti. Setembro 2022

Figura 2: Cartografia Social da Aldeia Buriti com os pontos de referência da Aldeia



Fonte: adaptação feita pela autora, da figura 1. Setembro 2022

Por mais que tenham sofrido com repressões contra a sua cultura, os Terena, quando chegaram em seus territórios, começaram a lutar para resgatar suas tradições. As tradições orais, ainda vivas em nas memórias dos mais velhos, permitiram o resgate e o fortalecimento dos costumes, da cultura. Até os dias de hoje, os Terena da região do Buriti buscam fortalecer os laços culturais, principalmente quando se refere a língua Terena em a escola é considerada um instrumento primordial para o seu fortalecimento e sua manutenção.

Uma característica da cultura terena é a construção das casas dos filhos em volta da casa dos pais, mas, na comunidade da Aldeia Buriti, hoje em dia, isso não é mais possível, pois as famílias crescem, e o espaço territorial já ficou pequeno para essa população. (PINTO, 2016).

Atualmente a Aldeia Buriti tem uma organização social, cultural e política bastante sólida e isso é muito importante para o grupo manter-se organizado enquanto comunidade tradicional. A autoridade maior da Aldeia Buriti é o cacique Rodrigues Alcântara, desde o ano 2000, que tem como vice-cacique, Carloz Anizio Rodrigues, desde o ano 2021. Os Terena da Aldeia Buriti têm participação ativa na administração do município, com o vereador Eder Alcântara de Oliveira, eleito pelo seu terceiro mandato consecutivo. A liderança da comunidade se constitui, ainda, de 16 líderes de vilas e um presidente do conselho tribal que desde 2021 é o Sr. Ronaldo Fernandes. Segundo a (SIASI-SESAI/MS), há 883 habitantes na comunidade da Aldeia Buriti.

Quadro 2: Nome das vilas pertencente a Aldeia Buriti, com o nome dos líderes

N°	Vilas	Líder
01	Alcântara	Oiker Alcântara
02	Cará	Jair Gabriel
03	Cerradinho	Alberto França
04	Cruzeiro	Jocimar Alves
05	Gabriel	Valdinez Gabriel
06	Isabel	Lairton Figueiredo
07	J.B	Elizandreí Alves
08	J.V	Elenilson Gabriel
09	Olinda	Edineia Alves
10	Roberto	Evaldo Reginaldo
11	Sete de Setembro	Ronilson Fernandes
12	SST	José Claudir
13	Tarumã	Valdenilson Alcantara
14	Varjão	Arlan Batista

15	Veron	Atanzia Veron
16	Vila Nova	Deziderio Mamedes

Fonte: Elaborado pela autora em 2022.

Na Aldeia Buriti, desde as crianças até os anciões, cada grupo de pessoas contribui para o fortalecimento da cultura, a fim de manter o vínculo enquanto comunidade. Assim, os Terena buscam o seu protagonismo diante da sociedade envolvente, pois não querem que sejam impostas condições a eles, mas sim desejam decidir o que é melhor ou não para o grupo.

CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E A EDUCAÇÃO INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA BURITI.

A Educação Escolar Indígena é uma conquista que segundo Guimarães (2016), fruto de resistências e mobilizações políticas dos povos originários e, que de acordo com a autora, a escola deveria ser um espaço para garantir o direito a manutenção das línguas e das culturas, por meio de currículos específicos, diferenciados e intercultural o qual é destaque entre as reivindicações dos povos indígena no Brasil (SILVA; FERREIRA, 2001), com ampla necessidade de alargar debates sobre os currículos tanto para a educação básica quanto para a formação inicial dos profissionais da educação e a formação continuada.

Este capítulo tem por finalidade apresentar como teve início a Educação Escolar entre os indígenas no Brasil, e como ocorreu o início da educação escolar na comunidade da Aldeia Buriti. Apresentamos ainda um breve relato sobre a Educação Infantil e a Educação Infantil Indígena.

2.1 A Educação Escolar entre os indígenas

Conforme Ferreira (2000), a história da Educação Escolar no Brasil entre os povos indígenas pode ser dividida em quatro fases:

A primeira situa-se na época do Brasil Colônia, quando a escolarização dos índios esteve a cargo exclusivo de missionários católicos, notadamente os jesuítas. O segundo momento é marcado pela criação do SPI, em 1910, e se estende à política de ensino da Funai e a articulação com o Summer Institute of Linguistics (SIL) e outras missões religiosas. O surgimento de organizações indigenistas não-governamentais e a formação do movimento indígena em fins da década de 60 nos anos 70, período da ditadura militar, marcam o início da terceira fase. A quarta fase vem da iniciativa dos próprios povos indígenas, a partir da década de 80, que decidem definir e autogerir os processos de educação formal. (FERREIRA, 2000, p.72)

O período colonial que constitui a primeira fase é o momento mais longo da

história da educação escolar indígena, em que o objetivo era oferecer a educação escolar aos indígenas para que estes fossem inseridos como “gente” na sociedade. Esse objetivo trouxe como consequência a negação da diversidade dos povos indígenas, aniquilando as culturas existentes.

A segunda fase tem como marco a criação do SPI, em 1910, sendo uma adequação do modelo colonial/educacional da primeira fase, mas de forma mais sutil nesta segunda fase. O estado criou uma política indigenista, segundo seus gestores, menos desumana, pensando em uma educação escolar indígena que atendesse a diversidade linguística e cultural dos povos indígenas. Escolas diferentes foram criadas, mas, como na primeira fase, não contemplava a diversidade cultural de cada povo.

Com a extinção do SPI, surgiu a criação de um novo órgão a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) em 1967, que conforme Ferreira (2000), trouxe modificações significativas para a educação escolar indígena, e o ensino bilíngue foi uma forma que a Funai encontrou para respeitar os valores tradicionais dos indígenas, por meio do Estatuto do Índio, criado pela Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973, que tornou obrigatório o ensino de línguas nativas nas escolas indígenas. Por meio desse documento, também foi oferecida aos índios a capacitação para assumir as funções educativas dentro de suas próprias comunidades, para que a educação escolar interferisse o mínimo possível nos valores culturais de cada povo. Para a autora na terceira fase, surgiram no cenário nacional, organizações não-governamentais para defender a causa indígena e., a partir de 1974, foram realizadas assembleias indígenas que proporcionaram articulações entre lideranças que por algum tempo estavam isoladas do cenário político nacional. Assim com as organizações não-governamentais e os movimentos indígenas, foi possível obter direitos como a defesa do território tradicional, a assistência à saúde e a educação escolar. Posteriormente, com a promulgação da Constituição Federal de 1988 vários outros direitos foram garantidos aos povos indígenas.

Ferreira (2000) destaca ainda que a quarta fase foi marcada pela criação da União das Nações Indígenas (UNI), no dia 19 de abril de 1980. O que proporcionou vários encontros de lideranças e principalmente de professores indígenas, que oportunizaram avanços sobre a educação escolar indígena, em que as necessidades de elaboração de propostas educacionais foram indicadas pelos próprios indígenas.

Lideranças e professores indígenas de todo o país lutaram e ainda vêm lutando, para que essa educação diferenciada e específica para os povos indígenas seja de qualidade, contemplando os aspectos culturais de cada povo. No entanto, ainda há muito

que se conquistar, quando se trata de educação escolar indígena.

Há muita documentação escrita a respeito da educação escolar indígena, sendo que na concepção explicitada de alguns estudos, consta que o índio era visto como um bicho que precisava ser humanizado e assim ser inserido à civilização. Então coube à escola a incumbência de fazer esse papel e assim surgiu o Modelo assimilacionista.

Não há a retirada da criança indígena do seio familiar. Antes, cria-se uma escola na aldeia e a língua de instrução, nas séries iniciais, é a língua indígena, porque, percebeu-se, é extremamente difícil alfabetizar uma criança em uma língua que ela não domina. Mas, nesse modelo, depois que a criança é alfabetizada em sua língua materna, depois que ela entende o que é a escrita, como é o seu funcionamento, vai-se introduzindo o português paulatinamente até que a língua indígena seja totalmente excluída do currículo escolar. A função da língua indígena é apenas servir de elemento facilitador para a aprendizagem de língua portuguesa, a qual, tendo sido aprendida, passará a ser a língua de instrução na apresentação dos demais conteúdos escolares (CAVALCANTI e MAHER, 2006, p. 21).

Hoje em dia a luta dos indígenas no Brasil é para conquistar uma educação escolar que seja pensada e construída por eles e para eles, evitando assim um novo modo de o não indígena determinar os conhecimentos e saberes culturais que o indígena adquira. Os fundamentos gerais da educação escolar indígena, estabelecidos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena (RCNEI, 2005), garante o reconhecimento da multietnicidade, pluralidade e diversidade dos povos indígenas brasileiros:

O Brasil é uma nação constituída por grande variedade de grupos étnicos, com histórias, saberes, culturas e, na maioria das situações, línguas próprias, onde tal diversidade sociocultural é riqueza que deve ser preservada (BRASIL, 2005, p. 22).

O RCNEI é um documento específico para as escolas indígenas, que teve em sua elaboração ajuda de professores indígenas e também de especialistas e professores universitários de todo o Brasil. Este documento traz orientações pedagógicas e curriculares, os temas transversais e a organização do trabalho escolar. As orientações metodológicas são por área de conhecimento: Línguas, Matemática, História, Geografia, Ciências, Arte e Educação Física.

Vale destacar que com o início da escolarização entre os Terena, começou também o desafio de preservação da cultura e tradição, no sentido de que não haja uma ruptura entre o processo educacional tradicional familiar e o escolar.

2.2 A Educação Escolar na comunidade da Aldeia Buriti

O processo de escolarização na comunidade da Aldeia Buriti teve seu início em 1887. Algumas famílias viram a necessidade de oferecer a Educação Escolar a seus filhos e juntamente com Ubiratan um indígena Kaiowá, foram buscar formas de criar uma sala de aula na Aldeia Invernadinha, como era chamada na época, hoje conhecida com terra Buriti (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2017).

Essas famílias se reuniram e decidiram que cada uma delas venderia uma tropa de cavalos para o custeio da viagem de algumas pessoas a capital do Brasil, que na época era o Rio de Janeiro. Essa viagem era para conseguir, junto ao órgão Federal SPI, a autorização para funcionamento da sala de aula na Aldeia. No ano seguinte 1888, já com a autorização concedida, iniciaram a construção da sala de aula, que foi feita de paredes de pau a pique e a cobertura de palha de bacuri, construída pelos próprios moradores da então comunidade Invernadinha. O primeiro professor foi o Sr. Ubiratan que, em razão de não receber pagamento por parte do governo, recebia doações dos pais dos alunos, que se uniram para conseguir um salário para o professor. Essa sala de aula funcionou dessa forma no período de 1888 a 1910.

Segundo Cardoso de Oliveira (1968, 1976), o processo de escolarização foi um dos instrumentos usados pelo estado brasileiro para inserir o índio na sociedade civilizada. Os ensinamentos da tradição e história terena, antes das instalações das escolas se dava, por meio da oralidade, onde os ensinamentos eram passados, de geração a geração, dentro da comunidade.

Um dos fatores que levou os terena a perderem muitos saberes de sua cultura, de suas tradições e, principalmente a língua materna, foi a escolarização:

Alguns documentos comprovam a real intenção do SPI através dos seus funcionários em submeter a comunidade terena do Buriti no modelo da base nacional, conforme o relatório escolar de 31 de dezembro de 1959. Um dos pontos que implicam nessa intenção do SPI era que a funcionária que ministrava as aulas naquele período pudesse aplicar, ou seja, colocar em prática o currículo nacional. Dessa forma a aculturação iria sobrepor ao apagamento de toda a cultura Terena. (MAMEDE,2017 p.24).

Além dos funcionários do SPI, que se revezavam entre si para ministrarem as aulas, havia também alguns terena, entre eles o professor Ramão Pinto que procurava introduzir em suas aulas elementos da cultura terena e ensinar a Língua Materna, mas não obtinha êxito em suas tentativas, pois o SPI mantinha um controle muito rígido com a

escola, impondo-lhe as diretrizes das escolas não indígenas, o que dificultava a apropriação tanto da língua quanto dos saberes tradicionais.

Em meados da década de 1960, o SPI viveu uma crise, pois sofreu acusações de corrupção, ineficiência administrativa e maus tratos aos indígenas, a quem devia proteger. Assim, no período ditadura militar, em 1967, o governo criou um órgão indigenista, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e extinguiu o SPI.

A FUNAI criou mudanças significativas na relação com os índios, mas conservou a mesma política de assimilar o indígena ao não indígena com a finalidade de inseri-lo na sociedade para contribuir com o desenvolvimento do país. É o que preceitua o Artigo 5º, da Lei Nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967 que institui a FUNAI, “promover a educação de base apropriada do índio, visando à sua progressiva integração na sociedade nacional”.

Assim, na comunidade da aldeia Buriti, a educação escolar continuou na responsabilidade da FUNAI. Com vistas a conhecer mais sobre essa época, entrevistamos o Senhor Noel Patrocínio — único professor vivo, da comunidade, que atuava em sala de aula, na época em que a FUNAI era responsável pela Educação escolar Indígena. Em sua entrevista, o professor nos conta quais eram as orientações para o ensino:

Eu recebi ordens para dar ênfase ao ensino da língua portuguesa e matemática, mas eu também aplicava geografia, história, ciência e língua terena para verificar como estava os alunos em questão da língua materna terena, e também trazia a questão da cultura terena para a sala de aula, pois já estava um pouco adormecida a questão da dança tanto feminina quanto masculina aqui na Aldeia Buriti.

Desde essa época, os professores da Aldeia Buriti buscam fortalecer a cultura terena, trazendo-a para dentro da sala de aula, por meio das crianças da comunidade.

Atualmente a escola da aldeia Buriti é a Escola Pólo Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, criada por meio da Lei Municipal, nº. 175, de 23 de outubro de 2001, que atende alunos da Pré-escola ao 9º ano, oferecendo uma educação escolar indígena diferenciada e bilíngue, de acordo com os anseios da comunidade. Essa educação está amparada na Lei de Diretrizes e Bases nº. 9394/96; no Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172/2001; Parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação Indígena, bem como na Resolução C.N.E. 03/99 e na Deliberação, CCE/MS Nº 6.767, de 25 de outubro de 2002. Além dessa legislação ampara-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica, de 10 de maio de 2012.

Segundo Almeida (2012) ao longo dos anos, a situação escolar dos terena

acontecia de modo contrário aos interesses e anseios da comunidade. A mudança só ocorreu porque os terena da Aldeia Buriti buscaram a valorização dos costumes culturais, usando a escola como uma ferramenta muito forte no fortalecimento de seus saberes tradicionais. Dessa forma, a escola passou a ser vista como um espaço de resistência cultural terena, dentro da Aldeia.

De acordo com Laraia (1986) “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado”. Assim sendo, buscamos levar e praticar elementos culturais Terena dentro da escola, sendo o principal a Língua Terena, pois quanto mais fortalecermos e praticarmos a cultura, as novas gerações irão aprender mais cedo e assim passarão a vivenciá-la de forma sistemática.

A educação escolar entre o povo terena da aldeia Buriti, assim como em toda a educação escolar, apresentou dificuldades, mas também trouxe benefícios. Hoje, a comunidade conta com um número grande de pessoas que já passaram por uma universidade para ter uma qualificação e retornaram à aldeia para trazer a realidade “lá de fora” para as outras pessoas da comunidade. Citamos como exemplo, cinco professores que saíram da aldeia Buriti, fizeram a graduação, uma pós-graduação e o mestrado e hoje contribuem significativamente com a educação na própria comunidade.

O primeiro mestre da comunidade é Eder Alcântara Oliveira. Ele fez graduação em História – Licenciatura, pela Universidade Católica Dom Bosco e Mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados. O título da sua dissertação no mestrado foi: “História dos Terena da Aldeia Buriti: Memória, Rituais, Educação e Luta Pela Terra”. Nesse trabalho traz e relata a história do povo terena da Aldeia Buriti, do ponto de vista de um indígena e morador da aldeia, diferente de como era antes quando os não indígenas contavam a nossa história. A defesa de sua dissertação foi realizada na escola Alexina, dentro da aldeia Buriti em um momento histórico e único para a comunidade.

Depois de se tornar mestre em História, Eder Alcântara Oliveira, retornou à comunidade e continuou a dar aulas de história, prestou e foi aprovado no concurso público para professor no Município de Dois Irmãos do Buriti. Hoje, o Professor Eder ocupa uma das nove cadeiras do legislativo municipal, pelo seu terceiro mandato consecutivo como vereador, representando as comunidades indígenas do município de Dois irmãos do Buriti.

Edineide Bernardo Farias, graduada pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Letras/Inglês, seguiu caminhada semelhante e possui curso de Pós-

Graduação Lato Sensu em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci e Mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O título de sua dissertação é “A Criança Indígena Terena da Aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul: O Primeiro Contato Escolar”. O trabalho teve como objetivo, descrever os impactos sofridos no primeiro contato escolar da criança Terena da Aldeia Buriti quando é inserida na pré-escola.

Nessa pesquisa, Edineide analisou o diálogo estabelecido entre os saberes tradicionais familiares e os novos saberes da educação escolar indígena, o processo de socialização da criança indígena terena da Aldeia Buriti no contexto familiar, bem como a importância dos processos próprios de aprendizagem dessa criança antes de chegar ao espaço escolar. Edineide Bernardo Farias, hoje, é professora concursada pelo município de Dois Irmãos do Buriti e atua, ministrando aulas de Português e Inglês, na Escola Polo Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo e, também, na escola Estadual Natividade Alcântara Marques com aulas de inglês.

Gerson Pinto Alves, graduado em Pedagogia pela universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e Mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O título de sua dissertação é “O Protagonismo da Escola Polo Indígena Terena Alexina Rosa Figueiredo, da Aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul, no Processo de Retomada do Território da Terra Indígena Buriti”. O trabalho analisou o envolvimento da comunidade escolar, juntamente com as lideranças da aldeia, no processo de retomada das terras originárias dos Terena da região de Buriti. Gerson buscou entender como se deu a colaboração de todos da escola nesse processo e compreender o quanto a escola faz diferença, quando seus educadores indígenas têm o comando da mesma.

A pesquisa contribuiu também para compreender o protagonismo da comunidade escolar, por meio do envolvimento dos professores e alunos nas ações de retomada dos territórios Terena. Gerson Pinto Alves já atuou como professor, coordenador e diretor da escola Polo Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo e, hoje, é chefe do posto da Funai, que atende não só a Aldeia Buriti, mas todas as aldeias da Terra indígena Buriti.

Valdinez Gabriel tem formação em Pedagogia pela Universidade de Santo Amaro, Ciência da Natureza pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Mestrado em Ciências Ambientais Sustentabilidade e Agropecuária pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O pesquisador trouxe como tema da sua dissertação “Uso e Ocupação do Solo na Terra Indígena Buriti, Dois Irmãos do Buriti/MS: Problemas e Perspectivas”, que buscou mostrar os danos ambientais sofridos pela comunidade da

Aldeia Buriti durante anos, identificando os principais motivos que ocasionaram esses danos ambientais e buscando estratégias, junto à comunidade, para diminuir esses danos. Hoje, Valdeiz Gabriel atua como professor na Escola Estadual Natividade Alcântara Marques com aulas de Química no Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Genildo Alcântara Mamede é graduado pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Letras/Espanhol e Mestrado pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) em Letras, tendo como título de sua dissertação: “A Língua Terena na Aldeia Buriti-MS: Realidade Sociolinguística e Políticas Linguísticas”. O trabalho teve como objetivo mostrar a realidade linguística da Aldeia Buriti e, também, relatar o processo que levou a substituição da Língua Terena pela língua portuguesa nessa comunidade.

A dissertação de Genildo, contribuiu para elaborar ações que auxiliaram na revitalização da língua terena na Aldeia Buriti, tendo em vista que descreveu a realidade da Educação Escolar Indígena da Aldeia Buriti. Além disso, fez uma reflexão sobre as políticas linguísticas adotadas na escola e ajudou a estabelecer novas políticas linguísticas que viabilizam a valorização e a revitalização da língua Terena na escola indígena e na aldeia Buriti. Atualmente, Genildo Alcântara Mamede contribui com a sua comunidade, atuando como professor de língua portuguesa na Escola Estadual Indígena Natividade Alcântara Marques.

Cledeir Pinto Alves, graduou-se em Geografia pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP), fez Especialização em Antropologia e História dos Povos Indígenas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e mestrado pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Sua dissertação intitulada “As Professoras Terena No Processo de Retomada do Território Tradicional da Aldeia Buriti/Dois Irmãos do Buriti-MS”, teve como objetivo descrever a participação das professoras da comunidade Buriti no processo de retomada do território. Destacou as estratégias utilizadas por essas professoras na resolução dos conflitos e tensões na área de retomada, registrando as marcas e as mudanças na comunidade pós confronto armado. A pesquisa destaca a importância que, hoje, as mulheres têm nas tomadas de decisões na comunidade da Aldeia Buriti. Cledeir Pinto Alves, atualmente é professora concursada pelo Estado de Mato Grosso do Sul e está na direção da Escola Estadual Indígena Natividade Alcântara Marques.

O primeiro ponto a se destacar sobre esses pesquisadores terena é a visibilidade que a comunidade indígena tem dentro do município, considerando que a Escola Alexina conta com esses 5 mestres, que muito têm ajudado na organização e defesa de nossos

direitos na esfera municipal. Com sua formação esses professores têm contribuído muito na reformulação do Projeto Político Pedagógico - PPP da escola Alexina.

Dentre as ações que promovem essa visibilidade, destaca-se que com o trabalho do professor Gerson, hoje, a escola Alexina não comemora mais a Independência do Brasil, no dia 7 de setembro. Ele primeiro levou a discussão para o grupo de professores para refletir a necessidade de se fazer ações que valorizem a história do ponto de vista do indígena, e não dar mais continuidade à história contada pelos livros didáticos. Assim, a escola passou a realizar, nesse dia, o dia da Resistência Terena, onde acontecem palestras e oficinas que valorizam a cultura indígena. Entretanto, os professores não deixam de ensinar o que significa esse dia e como os livros contam a história.

É por meio da atuação desses pesquisadores, que os materiais didáticos do Projeto Saberes indígenas estão sendo elaborados, e alguns já estão sendo usados nas escolas indígenas.

2.3 A educação Infantil e educação Infantil Indígena

A educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, conhecida também como ensino infantil. Atende crianças — que têm de zero a seis anos de idade — em seu primeiro contato com a escola. Contudo, ela só é obrigatória para as crianças de quatro a seis anos, tornado facultativa a matrícula de crianças de zero a três anos.

O principal objetivo da educação infantil é o desenvolvimento dos aspectos físicos, motor, cognitivo, social e emocional desses pequenos estudantes. É nesse primeiro contato com a escola que a criança começa a interagir com pessoas que não fazem parte do seu círculo familiar e comunitário.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelece que “A Educação Infantil deve ser oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; Pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade” (BRASIL, 1996).

A respeito da Educação Infantil Indígena, deve ser considerado o contexto histórico, sociocultural e linguístico em que a criança indígena está inserida, respeitando a diversidade de cada povo indígena. “Na cultura indígena a criança pequena é geralmente educada no seio da família, que inclui avós, pais e tios, de acordo com os valores e costumes de cada etnia.” (MACHADO, 2016, p. 6).

Dessa perspectiva, a criança indígena adquire o conhecimento por observação,

sem que o adulto precise ficar explicando como as coisas acontecem, sendo toda a comunidade ou parentela envolvida na sua educação, ao contrário do que, normalmente, acontece na chamada “sociedade ocidental”.

De acordo com Farias (2015):

A educação da criança Terena não é atribuída apenas aos pais biológicos, mas a toda comunidade. Todos fazem parte da construção da educação da criança. Ela é ensinada dentro do contexto familiar, pois estabelece uma relação muito próxima do adulto, através do diálogo. Mas a pessoa com um papel muito importante na vida da criança é a mãe, com a qual estabelece total relação, desde a gestação até a vida adulta. (FARIAS, 2015, p.53).

Assim, a criança terena da Aldeia Buriti ocupa vários espaços dentro da comunidade, além do ambiente familiar, como por exemplo frequentar, junto com os pais, as reuniões gerais da comunidade, reuniões de pais na escola, festas tradicionais e jogos de futebol. Assim, a criança terena se sente segura dentro da comunidade, pois onde ela está sempre os adultos que estão por perto — sendo ou não os pais ou familiares — irão cuidar essa criança.

Com o processo de escolarização dessa criança a preservação da cultura torna-se um desafio em todos os aspectos, principalmente, na preservação da língua materna. Nesse sentido, Toneto (2007) afirma que:

O oferecimento de Educação Infantil para as crianças indígenas tem suscitado muitas críticas e um intenso debate entre especialistas, lideranças e povos indígenas. Muitos defendem que a Educação Infantil atenta contra as tradições indígenas, mas algumas comunidades indígenas têm reivindicado espaços educativos para suas crianças pequenas. (TONETO, 2007, p. 34).

Assim, professores e lideranças da comunidade da Aldeia Buriti, buscam realmente uma educação infantil que traga o fortalecimento da cultura e da Língua Terena, envolvendo as crianças desse nível de ensino em todas as atividades da escola.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica (BRASIL, 2012a), a oferta da Educação Infantil Indígena pode ser uma opção de cada comunidade. Essa opção deverá ser realizada mediante consulta prévia. Havendo demanda e realizada a opção pela Educação Infantil Indígena, os espaços formais/escolares devem considerar, em seus currículos e propostas pedagógicas, as línguas, os conteúdos culturais próprios, a organização do calendário escolar, entre outros

aspectos específicos relacionados às dinâmicas culturais das crianças. Como segue:

Artigo 8º [...]

§ 2º Os sistemas de ensino devem promover consulta livre, prévia e informada acerca da oferta da Educação Infantil a todos os envolvidos com a educação das crianças indígenas, tais como pais, mães, avós, “os mais velhos”, professores, gestores escolares e lideranças comunitárias, visando a uma avaliação que expresse os interesses legítimos de cada comunidade indígena. § 3º As escolas indígenas que ofertam a Educação Infantil devem:

I - promover a participação das famílias e dos sábios, especialistas nos conhecimentos tradicionais de cada comunidade, em todas as fases de implantação e desenvolvimento da Educação Infantil;

II - definir em seus projetos político-pedagógicos em que língua ou línguas serão desenvolvidas as atividades escolares, de forma a oportunizar o uso das línguas indígenas;

III - considerar as práticas de educar e de cuidar de cada comunidade indígena como parte fundamental da educação escolar das crianças de acordo com seus espaços e tempos socioculturais;

IV - elaborar materiais didáticos específicos e de apoio pedagógico para a Educação Infantil, garantindo a incorporação de aspectos socioculturais indígenas significativos e contextualizados para a comunidade indígena de pertencimento da criança;

V - reconhecer as atividades socioculturais desenvolvidas nos diversos espaços institucionais de convivência e sociabilidade de cada comunidade indígena – casas da cultura, casas da língua, centros comunitários, museus indígenas, casas da memória, bem como outros espaços tradicionais de formação – como atividades letivas, definidas nos projetos político pedagógicos e nos calendários escolares. (BRASIL, 2012a)

De acordo com as orientações do documento, o educar e o cuidar, práticas fundamentais da Educação Infantil, devem se pautar pelas “práticas de educar e de cuidar de cada comunidade indígena” e devem considerar, também, “seus espaços e tempos socioculturais”. (BRASIL, 2012^a).

CAPÍTULO III:

A Realidade do Ensino Infantil dentro da Escola Alexina: a voz de professores, gestores e pais

Neste terceiro e último capítulo apresentamos a realidade do ensino da língua Terena na Escola Alexina Rosa Figueiredo, da Aldeia Buriti e as implicações sobre a educação intercultural e bilíngue descrita na RCENEI.

3.1 O ensino Infantil na Escola Alexina

A Aldeia Buriti não possui centro de Educação Infantil ou creche, mas tem a Escola Alexina que oferece a Educação Infantil, atendendo alunos de quatro a seis anos, distribuídos em turmas regulares, conforme estabelece a Lei de Diretrizes Bases (BRASIL, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) para a Educação Infantil e o currículo ainda está em elaboração. A escola ainda não possui todo o espaço com o mobiliário adequado para atender essa faixa etária, atende-a da mesma maneira que o faz a toda a demanda da comunidade. Entretanto, quando há muita procura para a educação infantil, é aberta mais uma turma, com espaço idêntico à sala que já está em funcionamento — especificamente para atender a demanda estipulada por lei.

Desde que foi criada a Escola Polo Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, na Aldeia Buriti, os professores, juntamente com as lideranças e a comunidade vêm

pensando e debatendo em como usá-la para ajudar no fortalecimento da cultura e, principalmente, na revitalização da Língua Materna Terena, uma vez que a educação escolar indígena é diferenciada e garantida aos povos indígenas pela constituição de 1988 e pela Nova LDB.

Foram esses debates que fizeram com que a escola Alexina — que desde o início de seu funcionamento, no ano 2000 até o ano de 2006, não oferecia o ensino para a Educação Infantil — passasse a oferecê-la. Essa ação foi resultado, portanto, da decisão de professores, lideranças e comunidade ao perceberem a importância que tinha o oferecimento da educação infantil na Aldeia.

A educação infantil é opcional para os povos indígenas, assim cabe a cada comunidade indígena decidir sobre o seu oferecimento ou não na sua comunidade (BRASIL, 2009; 2012). Como segue:

Art. 8º A Educação Infantil, etapa educativa e de cuidados, é um direito dos povos indígenas que deve ser garantido e realizado com o compromisso de qualidade sociocultural e de respeito aos preceitos da educação diferenciada e específica.

§ 1º A Educação Infantil pode ser também uma opção de cada comunidade indígena que tem a prerrogativa de, ao avaliar suas funções e objetivos a partir de suas referências culturais, decidir sobre a implantação ou não da mesma, bem como sobre a idade de matrícula de suas crianças na escola (BRASIL, 2012).

O direito a uma Educação Escolar Indígena — caracterizada pela afirmação das identidades étnicas, pela recuperação das memórias históricas, pela valorização das línguas e conhecimentos dos povos indígenas e pela revitalizada associação entre escola, sociedade e identidade, em conformidade aos projetos societários definidos autonomamente pelas crianças indígenas — foi uma conquista das lutas dos povos indígenas e seus aliados, e um importante passo em direção à democratização das relações sociais no país. (HENRIQUES 2007).

Como referido anteriormente, esta pesquisa tem como objetivo investigar como se dá o ensino da Língua Terena na Educação Infantil indígena, da Escola Indígena Alexina Rosa Figueiredo na Aldeia Indígena Buriti, localizada no município de Dois Irmãos do Buriti/MS. Desse objetivo geral, definimos os objetivos específicos: descrever o ensino da língua terena na Educação Infantil da Escola Alexina Rosa Figueiredo, refletir sobre a necessidade do oferecimento da Educação Infantil às crianças de zero a três anos, da aldeia Buriti, contribuir para que a língua terena cada vez fique mais forte dentro da

comunidade, verificar como é de fato desenvolvida a educação infantil indígena na escola pesquisada.

De acordo com esses objetivos propostos, passamos a apresentar o contexto histórico desenvolvido na Aldeia Buriti, em relação ao oferecimento da Educação Infantil, que teve início no ano de 2006 na escola Alexina. Esse nível de ensino teve como Professora da sala da pré-escola I, que atende alunos de 04 anos, a professora Reinalda Valente França e na pré-escola II, que atende alunos de 05 anos, a professora Eva Fernandes Bernardo. Assim sendo, iniciou-se um novo desafio para essas professoras, pois não havia material didático para suporte do ensino da educação Infantil. Elas buscaram alternativas, elaborando seus próprios materiais didáticos. A professora Eva relata que realizar esse trabalho foi muito desafiador, como tudo é no começo, mas ela buscou estratégias e alternativas para esse novo desafio e foi elaborando os materiais e incluindo atividades que retratassem a realidade dos alunos na comunidade indígena da Aldeia Buriti.

Além das aulas da professora Regente, há aulas de arte, educação física e língua terena. O professor de arte elabora as atividades voltadas para a cultura, incluindo a confecção de colar com sementes colhidas na própria aldeia, pintura da cultura terena. Assim, sai a campo para colher o urucum e o jenipapo que são os frutos para produzir a tinta da pintura corporal. O professor de Educação Física, além das atividades universais, inclui brincadeiras tradicionais da cultura terena, como o jogo de cinco Maria, que utiliza coquinho de bocaiuva seco para jogar; o jogo paredão que também utiliza coquinho de bocaiuva seco para o jogo. Lança e arco e flecha também são utilizadas nas aulas de educação física.

O professor de Língua Terena relata que: *“Eu no início trazia a questão da cultura e a língua juntos, mas hoje eu tenho focado mais no ensino da língua, pelo fato de que os alunos não são mais falantes da língua terena, assim como maior parte da nossa população da aldeia Buriti”* (Gil Paulo Barbosa). A fala do professor evidencia que alguns alunos só têm contato com a língua terena na escola, sendo que ele tem feito um trabalho incansável para o fortalecimento da língua terena, não só dentro de sala de aula, mas também na comunidade.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola Alexina começou a ser elaborado pelos próprios professores indígenas, juntamente com as lideranças e os anciões, desde o ano de 2005, e ainda vem recebendo algumas modificações para atender aos anseios, não só da comunidade escolar, mas também da comunidade em geral, com ajustes em termos

de uma educação escolar indígena de fato.

A participação de todos os envolvidos ocorreu e continua ocorrendo, por meio de atividades desenvolvidas pela escola, mediante o diálogo, a comunicação e a interação, os quais são fatores relevantes para o intercâmbio de experiências, vivências e integrações entre os envolvidos. A Ementa Curricular para a educação Infantil está inclusa nesse projeto e apresenta como objetivo promover ainda mais o conhecimento terena e o fortalecimento da Língua Terena, tendo em vista que essa faixa etária é muito oportuna para a alfabetização e, conseqüente, preservação da língua e da cultura Terena.

3.2 Entrevistas com os Professores

As entrevistas foram realizadas a partir do mês de junho de dois mil e vinte um. Participaram das entrevistas os professores que já atuaram ou atuam na educação infantil, bem como aqueles que atuaram/atuam na direção e coordenação da escola Alexina, conforme explicitados no quadro abaixo.

Quadro 3: Professores entrevistados

Entrevistado(a)	Idade	Formação	Atual Função
Alberto França Dias	54	Pedagogia	Professor cedido pelo município de Dois Irmãos para UFMS/Aquidauana
Ana Sueli Fermino	50	Pedagogia	Professora na escola ALEXINA
Eva Fernandes Bernardo	57	Pedagogia	Professora na escola ALEXINA
Amélia Fermino Fernandes	44	Pedagogia	Coordenadora da escola ALEXINA
Jodinelsa Rodrigues Ramos	27	Pedagogia	Professora na escola ALEXINA
Gil Paulo Barbosa		Filosofia	Professora na escola ALEXINA
Gerson Pinto Alves	50	Pedagogia	Chefe do Ponto Da FUNAI na Terra Indígena BURITI
Reinalda Valente França	58	Pedagogia	Professora na escola ALEXINA
Gilmar Veron Alcantara	47	Pedagogia	Coordenador das extensões da escola

			Alexina
--	--	--	---------

Fonte: elaborado pela autora

A entrevista com o professor Alberto França Dias foi realizada em sua residência, no dia seis de junho de dois mil e vinte um, às nove horas e trinta minutos. Pedagogo e especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, o Prof. Alberto foi Diretor da escola Alexina no período de 2004 a 2009, sendo que no início da sua gestão ainda não havia a educação infantil na escola. Isto porque foi acordado pela comunidade em geral que naquele momento não era preciso um Centro de Educação Infantil na Aldeia Buriti, mas sim que a criança entrasse na escola aos 4 anos de idade, para ter um contato maior com a Língua Terena que é disciplina ministrada na escola, uma vez que a maior parte dos moradores da aldeia Buriti não é mais falante da Língua Terena.

No ano de 2006, teve início a discussão sobre o oferecimento da educação infantil, a partir dos 4 anos de idade, sendo que, no mesmo ano de 2006, foi implantado esse nível de ensino na escola Alexina. No primeiro ano em que foi oferecida a educação infantil na escola, foram 02 salas, uma com alunos de 4 anos que é o Pré-escola I e outra com alunos de 5 anos que é a Pré-escola II. O professor Alberto nunca atuou como professor na Educação Infantil, mas na função de diretor participou de todo o processo. Ele relata que, no início da educação infantil, na escola Alexina, não havia o material pedagógico específicos para essas turmas, os quais foram improvisados pelos próprios professores para o andamento das aulas. Perguntei a ele sobre a necessidade da criação de um centro de Educação Infantil na Aldeia, ao que ele respondeu “Eu vejo que agora se faz necessário um centro de educação infantil sim na comunidade da Aldeia Buriti, mas no modelo de fortalecimento da cultura e principalmente da língua terena”.

A entrevista no dia sete de junho de dois mil e vinte um foi às quinze horas com a professora Ana Sueli Fermino, pedagoga pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS e atuou como a primeira diretora da escola Alexina. Atuou também na coordenação pedagógica nos anos de 2008 e 2009, e, depois, nos anos de 2017 a 2018.

“Eu me lembro que a educação infantil foi implantada na escola Alexina no ano de 2006 no mesmo ano em que o ensino fundamental passou a ser de 9 anos. As discussões sobre a implantação da Educação Infantil sempre foram discutidas entre o corpo docente, lideranças tribais e comunidade. Logo no que se iniciou a educação infantil, foi duas salas uma de alunos de 4 anos e outra com alunos de 5 anos. A escola não foi adaptada para receber a faixa etária de 4 e 5 anos, veio mesas com

bancos na altura adequada para esses alunos, e anos depois veio carteiras com cadeira de altura adequada para essa faixa etária. Até hoje a escola não possui banheiros e bebedouros adequado para essa faixa etária”. (Ana Sueli Fermino,07/06/2021).

A professora Ana Sueli Nunca atuou na Educação Infantil. Perguntei a ela sobre a criação de um centro de educação infantil dentro da comunidade e ela afirmou: *“Não acho que é viável a comunidade ter um centro de educação infantil, porque a criança vai perder o contato com as pessoas mais velhas da família, ou seja, os avós que são detentores da cultura, e isso seria prejudicial para nossa cultura terena.”*

Entrevista com a professora Eva Fernandes Benardo, foi realizada no dia oito de junho de dois mil e vinte um, às oito horas e quarenta minutos. A referida professora e pedagoga pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS e atua como professora a há 28 anos, tendo trabalhado com o povo Kadiwéu, durante oito anos. Quando questionada sobre o início do ensino de educação infantil na Aldeia, respondeu com um breve histórico desse período, dado o seu conhecimento e vivência sobre esse nível de ensino na escola. Assim se pronunciou a professora Eva: *“quando a escola Alexina iniciou seu processo de escolarização, não havia a educação Infantil, era oferecido apenas o ensino da 1ª série a 8ª série do ensino fundamental. No ano de 2006, foi implantada a educação Infantil na escola Alexina, devido à reivindicação feita pelos professores conjuntamente com as lideranças e comunidade.”* Destacou ainda: *“Eu fui a professora da primeira turma de alunos de 05 anos da escola Alexina. Não havia materiais de pré-escola na escola para utilizarmos, foi um desafio muito difícil e tive que criar materiais e fui adquirindo livros”. Relembra que usava o mimeógrafo para fazer atividades para os alunos e que, no início, não trabalhou a cultura em sala, mas, hoje, ainda atua na pré-escola.*

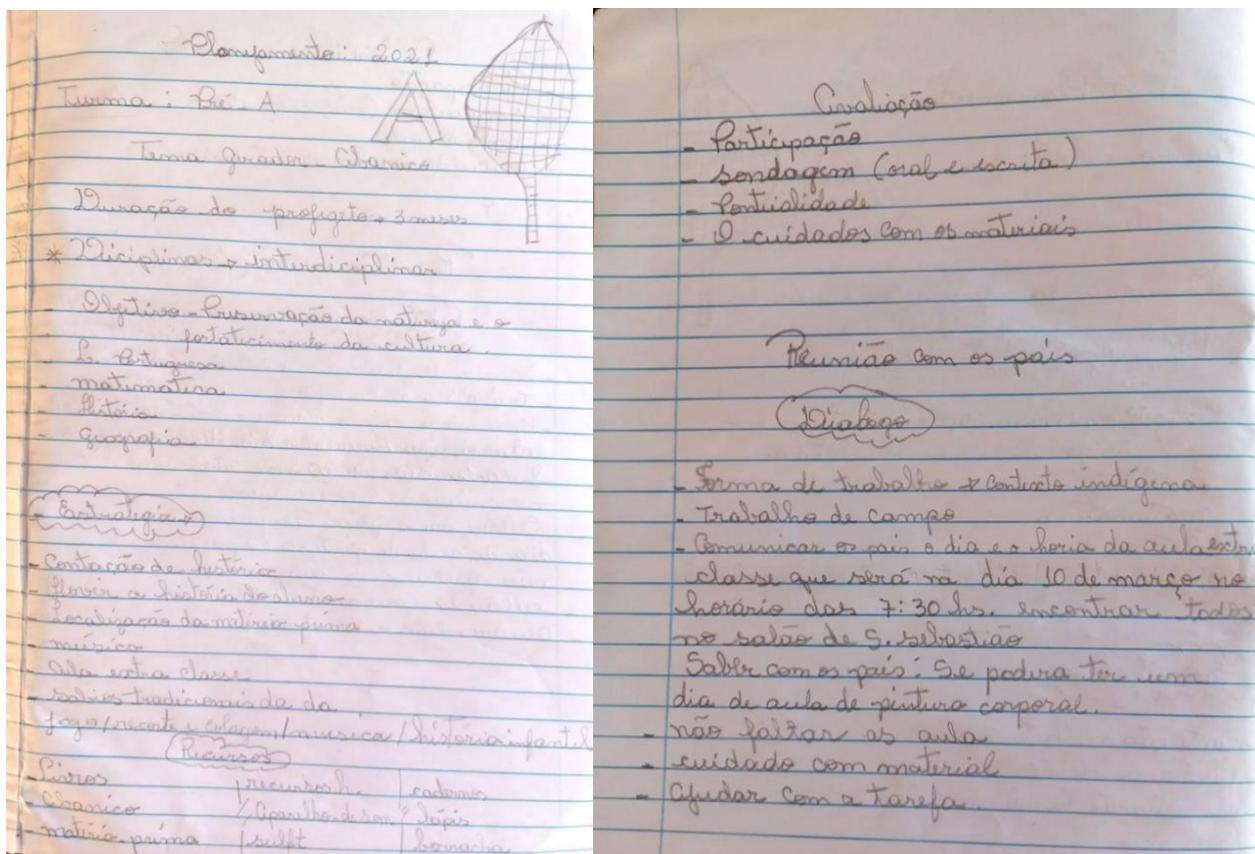
Hoje em dia na sala de aula faço questão de trabalhar a cultura terena, fazendo a conscientização da importância da nossa cultura trabalhando a dança, sempre que possível convido anciões para vim em sala falar sobre a história do nosso povo terena e a pintura terena”.(Profa. Eva Fernande Benardo, 08/06/2021).

Ao responder à pergunta quatro: O ambiente escolar é adequado para essa faixa etária? A professora respondeu que *“o ambiente escolar não é adequado para os alunos nessa faixa etária de 4 e 5 anos desde que começou veio apenas mesas de cadeiras adequadas para essa Faixa etária.”* Em relação a pergunta cinco: Qual a sua opinião sobre a criação do Centro de Educação Infantil na comunidade? Respondeu que

“Gostaria sim que tivesse o centro de educação infantil na comunidade, mas que fosse para o fortalecimento da cultura terena e principalmente o resgate da língua terena.”

Planejamento da Professora Eva Fernande Bernardo

Figura 3: planejamento da Professora Eva 2021



exerce, atualmente, a função Coordenadora na escola Alexina. A professora considera que quando se trata da educação infantil na escola, o ambiente não recebeu a devida estrutura para receber alunos de 4 e 5 anos. “Penso que é preciso uma sala separada que tenha jogos e brinquedos educativos”. Pergunto-lhe sobre a criação de um centro de Educação Infantil na Aldeia, ao que ela explica: “Vejo que faz necessário um centro de educação infantil na nossa comunidade, para as crianças já irem se familiarizando com a escola e, também, pelo fato de alguns pais precisarem trabalhar fora da aldeia e não terem com quem deixar os filhos”.

Outra entrevistada no dia cinco de julho de dois mil e vinte um, foi a professora Jodineisa Rodrigues Ramos, 27 anos de idade, pedagoga formada na Anhanguera– CG e atua como professora há 3 anos. No ano de 2021, atuou na sala da Pré-escola II – B. Em relação às instalações afirma: “Vejo que as cadeiras e carteiras são adequadas para o tamanho dos alunos já os banheiros e bebedouros não são adequados para o tamanho

deles”. Ela explica que:

Os materiais que utilizo são comprados por mim mesma, pesquisa na internet, monto jogos e materiais lúdicos para os alunos, pois a escola não possui esses recursos. Trabalho a questão da cultura mostrando artesanatos da nossa cultura e, a pintura terena e também a preservação da natureza que é importante para nós povos indígenas.

Quando pergunto a ela sobre a criação de um centro infantil na comunidade ela me responde: *“Vejo que é necessário um centro de educação infantil, porque o aluno já vai se familiarizando com o ambiente escolar e quando chegar na pré-escola já vai facilitar para o professor e aluno. E também pela questão, de hoje, já ter pessoas da comunidade que trabalha fora e precisa de um lugar adequado para deixar seus filhos”*.

Entrevista realizada no dia cinco de julho de dois mil e vinte um, com o professor Gil Paulo Barbosa, que é formado em Filosofia e está cursando pedagogia. Ele tem 31 anos, atua como professor há 5 anos e, atualmente, está dando aula de Língua Terena para a Educação Infantil. Segundo nos informou, todo conteúdo aplicado é elaborado por ele mesmo, pois não há matérias específicas de língua terena na escola. O professor é falante fluente da língua terena, mas os alunos não são falantes e, muitas vezes, têm o primeiro contato com a língua terena em sala de aula. No início da carreira como professor, ele trazia a cultura e a língua para trabalhar junto, porém hoje, tem focado mais na língua, pelo fato de os alunos não serem falantes. Ao responder a pergunta qual a opinião do senhor sobre a criação de um Centro de Educação Infantil em nossa comunidade? Assim se expressou *“Seria bom sim ter um centro de educação infantil aqui na comunidade, mas para trabalhar a questão da cultura terena e principalmente a língua terena”*.

No dia vinte e três de agosto acompanhei o segundo e terceiro tempo de aula do professor Gil Paulo, na sala da Pré-escola B composta pelos alunos de 5 anos. Ele entrou na sala, cumprimentou os alunos em língua Terena: ÚNATY! e os alunos responderam em voz alta (quase um grito): ÚNATY! Em seguida, explicou para a turma que eu iria acompanhar a aula e tirar algumas fotos. Prosseguiu com a aula, colocando na mesa as vogais em Terena.

Figura 4: Professor explicando para os alunos eu que iria assistir a aula



Fonte: Registro feito pela autora – Agosto 2022

Figura 5: As vogais com ilustração de palavras em Terena



Fonte: Registro feito pela autora – Agosto 2022

Após a minha apresentação, o professor iniciou a aula falando uma por uma das vogais e os alunos repetindo, depois foi mostrando a vogal e perguntando-lhes, aleatoriamente que letra era aquela. No meio da aula, uma aluna pediu licença ao professor para ir ao banheiro, expressando-se na língua terena: Motová mbíhea banheruke? e o professor respondeu também em Terena Motová! (pode).

Figura 6: O professor mostrando a letra para os alunos e falando para os alunos



Fonte: Registro feito pela autora – Agosto 2022

Após todos os alunos pronunciarem as vogais, o professor deu uma atividade, que era desenhar o pé de Goiaba. Na elaboração dessa atividade, a todo momento o professor ia falando os elementos que compunham o desenho em terena para as crianças desenharem, como:(kaxé=sol, úko=chuva).

FIGURA 7: Atividade pronta da aluna Ana Julia. (desenho do pé de goiaba (Arâha).



Fonte: Registro feito pela autora – Agosto 2022

FIGURA 8: Atividade pronta da Aluna Edilaine desenho de um pé de bocaiuva mais conhecido na comunidade de coquinho (Emúkaia).



Fonte: Registro feito pela autora – Agosto 2022

A aula do professor Gil foi uma mescla de Português com Terena, pois ele fala em terena e se a criança não entende, repete em português para que ela entenda e logo depois reproduz em Terena novamente, pois faz questão de repetir quantas vezes for necessário para que a criança aprenda, no entanto senti falta de um ambiente letrado na língua Terena na sala da pré-escola B, pois penso que essa visualização constante ajudaria muito no aprendizado da língua terena.

A entrevista do professor Gerson Pinto Alves, Pedagogo (UFMS) e especialista em Educação de 50 anos de idade, foi realizada no dia sete de fevereiro de dois mil e vinte dois. Ele atuou como coordenador pedagógico da escola Alexina de 2008 a 2010 e como Diretor da mesma de 2010 a 2016. Quando lhe pergunto sobre quando teve início a educação infantil na escola Alexina, afirmou que se lembra de que houve algumas tentativas de ter a educação infantil na comunidade, mas, só depois de muita discussão, conseguiram efetivá-la na nossa escola. Sobre a implantação da educação infantil, explica que *“houve rejeição pelo sistema, pois não havia um espaço adequado, mas os professores, juntamente com a liderança e comunidade, abraçaram a causa e decidiram que deveria funcionar, de fato, a educação infantil para atender as crianças de 4 e 5 anos na escola Alexina. Assim colocou a sua posição:*

E eu vejo que foi uma investida muito certa, pois a nossa criança Terena conseguiu assimilar muito bem o processo de escolarização e nós, enquanto professores, respeitamos o tempo da criança no processo de adaptação no espaço escolar e no processo de aprendizagem, hoje em dia, nós já vemos algumas pessoas que estão formadas e trabalhando em nossa comunidade que fez a pré-escola na escola Alexina.

Contou da discussão sobre a língua Terena e sua importância, pois entende que se fosse realmente aplicado o ensino da mesma, a criança aprenderia e conseguiria ser falante da nossa língua. A escola Alexina busca fazer o ensino transversal, buscando valorizar a cultura através da escola. Muitas vezes, o sistema não contribui para a educação infantil indígena ser de qualidade, não apoia pedagogicamente ou tecnológico.

Explicou que em 2011, a escola Alexina foi para a retomada, assim sendo, as aulas foram para um local adaptado, onde fosse possível ter as aulas. Quando houve essa mudança, tiveram a preocupação com todas as crianças, mas principalmente com as menores da educação infantil, no entanto os líderes tinham sempre em mente manter as crianças em segurança, trazendo para elas a importância daquele momento e mostrando que o território é necessário para nós e os professores contribuía, explorando o espaço onde estávamos inseridos. A escola funcionou de maio até novembro na retomada que, hoje, tem o nome de 10 de maio. Perguntei para o professor Gerson sobre ter a creche na Aldeia Buriti e ele afirmou:

Já fui contra essa ideia de ter a creche aqui em nossa comunidade, mas hoje vejo que é necessário atender essa clientela de 0 a 3 anos de idade, porém o trabalho teria que ser para o fortalecimento da cultura Terena e, principalmente, trabalhar o ensino da língua Terena, mas ai nesse caso, as crianças poderiam sofrer um choque com o aprendizado pelo fato dos pais não serem falantes.

Hoje em dia, na comunidade, já não há espaço para mantermos a cultura da lavoura que, anos atrás, era a principal atividade em nossa comunidade e as crianças ficavam com as mães ou com as avós ou, até mesmo, acompanhavam seus pais na roça. Hoje os pais, em sua maioria, estão tendo que buscar serviço fora da aldeia e precisam de um lugar para deixarem seus filhos, tendo em vista que, hoje, alguns avós também trabalham para ter o seu sustento. “*E mais uma coisa que deixo pra nós pensarmos se formos implantar a educação infantil de crianças de 0 a 3 anos: quem trabalharia com essas crianças?*” pois a maioria de nossa comunidade já não fala mais a língua para poder

transmitir para as crianças.

A entrevista com a professora Reinalda Valente França, pedagoga formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, de 58 anos de idade e 24 anos atuando como professora, foi realizada no dia quatorze de março de dois mil e vinte dois, as oito horas. A professora relata que, no início da educação infantil na escola Alexina, ela, enquanto professora da pré-escola de alunos com 4 anos de idade, não tinha material didático e teve que elaborar e, até mesmo, comprar o seu material para dar atendimento aos alunos. Explicou que: *“hoje, temos alguns materiais para a pré-escola, elaborados por nós mesmos professores da Alexina com a ação saberes indígenas, esses materiais são voltados para a cultura terena. O ambiente não foi adaptado para receber essa faixa etária de alunos, então, até hoje, falta muita coisa no ambiente para atender essas crianças, mas a gente, como professor, faz o possível para atender e dar um ensino de qualidade para esses alunos”*. Reinalda afirma ainda que,

“Apesar de não ser terena eu planejo as minhas aulas voltadas para a cultura terena, que aprendi a amar e respeitar com os anos de convivência. Ensino musiquinhas em Terena e também em português colocando a realidade da cultura e da aldeia nas letras da música, trabalho com pintura e cores utilizadas na cultura terena, contação de história da comunidade e dos terena”.

Ainda no dia vinte e três de agosto acompanhei o primeiro tempo de aula da professora Reinalda Valente França, na sala da pré-escola A. A professora entrou na sala cumprimentou os alunos em português, depois pediu para que todos ficassem em pé para cantar a musiquinha “Bom dia coleguinha como vai” na língua Terena, seguida da mesma musiquinha cumprimentando a professora “Bom dia professora como vai”. Ao término das musiquinhas todos sentaram e a professora foi de mesa em mesa, entregando atividade impressa para eles colocarem o nome e depois colorir o desenho. A aula da professora Reinalda foi praticamente toda em português, exceto o momento que cantaram as músicas em Terena.

No dia dezesseis de março de dois mil e vinte dois, às treze horas, foi realizada a entrevista com o professor Gilmar Veron Alcantara, de 44 anos de idade, formado em pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que atuou como coordenador pedagógico da Escola Alexina no período de 2010 até 2019 e como diretor da mesma escola, de 2019 a 2021. Perguntei para ele quando se iniciou a educação infantil na escola Alexina, e ele me respondeu que não se lembra muito bem do ano, mas se

lembra de que foi um momento muito importante, pois houve uma reivindicação da comunidade e dos professores para a Secretaria de Educação do município de Dois Irmãos do Buriti, que era e é a responsável pela educação na escola municipal da comunidade da Aldeia Buriti. Mesmo sendo um avanço, infelizmente, o espaço escolar não atende as necessidades dessa faixa etária, desde o início até hoje, já houve algumas adaptações, mas falta muito para ficar adequado. O professor expressa o que considera sobre essa questão:

A educação Infantil não teve uma proposta específica no começo, “mas nós, enquanto professores, pensamos em fazer uma educação voltada para o fortalecimento da cultura”. Nós, os professores, e a educação escolar indígena de fato, estava em formação em nossa comunidade, aí com o passar do tempo, surgiu a necessidade do que se ensinar e fortalecer em nossa comunidade. Como a nossa cultura com o passar dos anos, houve um enfraquecimento penso que a educação infantil em nossa comunidade pode proporcionar o fortalecimento da cultura, porque a criança, nessa idade, está em fase de aprendizagem e podemos aproveitar esse momento para o fortalecimento, mas tem que haver não só o apoio da escola com os professores precisamos também do apoio dos pais.

A educação Infantil não traz só benefício, pois podemos dizer que trouxe um pouco da perda da cultura da criança Terena, de ficar com os avós e ter aquele aprendizado de observar os mais velhos e aprender, tendo em vista que o aprendizado Terena se dá, principalmente, com a observação e a oralidade dos mais velhos para os mais jovens.

Pergunto ao professor Gilmar sobre ter creche na nossa comunidade, e ele me responde que, há um tempo atrás, já foi contra essa ideia de ter creche para as crianças de 0 a 3 anos, principalmente pela questão cultural que relatou acima, mas vê que hoje é uma saída para ensinar a Língua e a cultura Terena para as crianças desde cedo, e para isso acontecer, é preciso envolver a família também. Encerra a entrevista afirmando: “*A minha proposta seria trabalhar um pedagogo e um falante da Língua Terena, um dando suporte ao outro para o ensino das crianças*”.

3.3 Entrevistas com os pais

Entrevistada: Danieli Fernandes Alcantara, 30 anos de idade, tem 4 filhos. Afirma que é importante ter a educação infantil de 4 e 5 na comunidade da Aldeia Buriti, porque ajuda a criança se desenvolver mais cedo no convívio com a sociedade e também para iniciar a alfabetização mais cedo. Em relação à Creche essa mãe assim se posicionou:

“Ainda não vejo como uma necessidade da minha comunidade porque sem a creche ainda conseguimos manter a tradição terena de educação, onde os avós ajudam diretamente na criação da criança.” Explicou também que considera importante “trabalhar o desenvolvimento psicossocial, a coordenação motora, acredito que para nós que não somos falantes da língua materna, o ideal seria se tivéssemos a alfabetização das nossas crianças na língua materna Terena. Afirmou que acha importante trabalhar muito com jogos, brincadeiras e atividades que tornem o aprendizado mais divertido e didático.

Entrevistada: Dhessy Veron Bernardo, 25 anos, tem 1 filho. Afirmo que é importante a educação infantil escolar, pois acredita que é a partir dessa idade “que as crianças já estão em uma fase na qual elas começam a ficar mais curiosos, e o interesse em aprender muitas coisas. Concorda também que é importante ter a educação infantil de 0 a 3 anos, “porque algumas mães muitas vezes precisam deixar seus filhos para trabalhar ou fazer alguma atividade, e também as crianças ganhariam muitos aprendizados ficando em ambiente que teria o profissional da educação, pois é importante trabalhar a igualdade”. Em relação ao ensino considera que “a questão do conteúdo vejo que os professores que atuam nas salas são ótimos. As cores, números, alfabeto.”

Entrevistada: Andreia Antônia Alcântara, 29 anos, considera que sim, a educação infantil é fundamental, “pois oferece para nossas crianças o primeiro contato fora do convívio familiar, possibilitando novos desafios e principalmente a lidar com as diferenças.” Explica que, não só é necessário, mais sim importante ter a creche tendo em vista que pode trabalhar a língua materna terena. “Seria uma forma de traçar meios para que as crianças se tornassem falante da língua materna.” O que é importante trabalhar na educação infantil de 4 e 5 anos? “Brincadeiras, Contação de histórias, Construção de autonomia, Expressão, Construção de identidade, Pintura e colagem, expressões através de desenhos, Músicas, Dança.” Não respondeu à questão sobre o que se trabalhar na educação infantil de 0 a 3 anos.

Entrevistada: Juliene Fernandes Pereira, 27 anos, entende que sim é importante ter a educação infantil de 4 e 5 na escola, pois é nessa etapa de crescimento da criança que ela desenvolve a sua autonomia de escrita e leitura na vida escolar. Em relação a creche afirma: “No meu ponto de vista não precisaria ter a creche na nossa comunidade pois a criança indígena ela cresce e aprende um com o outro livremente. Acha ainda que: “nessa etapa escolar da criança penso que se deve trabalhar as cotações de história, brincadeiras que elas desenvolvem suas percepções como audição, visão, olfato,

paladar.” Considera que *“desenhos, pinturas, recorte e colagem para que elas desenvolvem as coordenação motora fina e grossa, equilíbrio, velocidade, orientação espacial, os números, musicalização para que elas memorizam as palavras ou números, letras do alfabeto.”* Essa mãe destacou que considera fundamental trabalhar conjuntos, seja de cores ou outros; trabalhar também as medidas que se fazem necessárias em nosso dia a dia. Nessa fase, para ela, seria mais exploração de objetos, brincadeiras, contação de história com auxílio de figuras para que as crianças possam relacionar as imagem com o seu dia a dia, expressão corporal, imitação, expressão com sons, o modo de como o professor se comunica também influencia no aprendizado das crianças.

Entrevistada: Devane Alves Gabriel, 32 anos, concorda que a educação infantil seja oferecida, para que desde cedo a criança tenha interação, primeiros contatos com pessoas que pensam diferentes dela, aprendendo assim a lidar com espaços e pessoas diferentes. Afirma também que, sim, é importante ter a creche *“para trabalharmos desde cedo a educação escolar indígena em especial a língua materna Terena.”* Sobre o que se trabalhar na educação infantil de 4 a 5 anos, enumerou: *“Interação, socialização, espaço e limites diferentes.”* Sobre o que se trabalhar na educação infantil de 0 a 3 anos, acha que é importante trabalhar *“Reconhecimento, afetividade e respeito.”*

Entrevistada: Cristiane Gabriel Fermino, 26 anos, afirma que *“é importante sim ter a educação infantil na escola, pois os professores têm a didática para ensinar o aluno a começar a escrever, se fosse em outro lugar como em casa o ensino não é a mesma coisa.”* Em relação ao funcionamento das creches, considera que *“é importante ter creche sim em nossa comunidade, porque a criança já vai se familiarizando com o ambiente escolar, já vai aprendendo através do brincar e também pelo fato de algumas mães precisarem trabalhar aqui dentro da aldeia ou até mesmo fora e teriam um lugar para deixar seus filhos.”* Sobre o que trabalhar na educação infantil de 4 a 5 anos; destacou o nome, as vogais, o alfabeto. Sobre o que trabalhar na educação infantil de 0 a 3 anos, pontuou as *“brincadeiras dinâmicas, o brincar aprendendo e a utilização de matérias lúdicos.”*

Entrevistado: Willian Bernardo Gabriel, 29 anos, se posiciona favorável ao oferecimento da educação infantil na escola, porque ajuda eles aprender a ler e escrever mais cedo. Sobre ter a creche na comunidade ele considera que *“sim é importante, porque ajudaria as mães no serviço doméstico e também traria mais emprego para a comunidade, e ao que deve ser trabalhado na pré-escola, “muito desenvolvimento da coordenação motora e o desenvolvimento físico das crianças incentivando desde cedo a*

prática de esportes e também trabalhar música.” Sobre o que deve ser trabalhado na creche, afirmou: *“jogos, brincadeiras e a importância de práticas coletivas.”*

Entrevistado: Evaldo Reginaldo André, 23 anos, afirma que *“é relevante ter a pré-escola em nossa comunidade, pois é uma oportunidade de as crianças se familiarizem com o ambiente escolar mais cedo.”* Considera também que *“seria muito bom ter a creche em nossa comunidade, porque, ajudaria muitos pais que trabalham fora em ter um lugar para deixar as crianças, pois hoje muita gente da nossa comunidade tem a necessidade de trabalhar.”* Quanto ao que se trabalhar na pré-escola ele afirma que conhece o trabalho das professoras e elas são bem experiente nessa área, já sobre o que se trabalhar na creche, ele entende que *“pode ter brincadeiras e também atividades relacionada a nossa cultura terena.”*

Entrevistada: Eloina Alves Alcântara, 24 anos de idade, formada em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, atualmente é agente na comunidade da Aldeia Buriti e Mãe de uma aluna da Pré-escola. Perguntei-lhe se fez a pré-escola e ela disse que *“não, pois na época que eu tinha 4 anos ainda não funcionava a pré-escola aqui na aldeia Buriti,”* mas vê que é muito importante ter a pré-escola em nossa comunidade, pois a idade de 4 anos, *“é uma idade ótima para o aprendizado e também para as crianças terem contato com o ambiente escolar e ir se familiarizando e depois o ambiente se torna prazeroso para a aprendizagem.”* Pergunto a ela sobre o conteúdo que acha necessário aplicar na pré-escola e ela respondeu que acompanhou a filha nos primeiros dias de aula e *“percebi que os conteúdos são ótimos, mas a quantidade de alunos é muito para apenas 1 professor, creio que seria ótimo se tivesse um assistente para auxiliar os professores, tanto o regente quanto os de áreas. A aula de língua Terena é preciso ter muita didática para fazer com que o aluno aprenda de fato pelo menos palavras em língua terena, por que na nossa comunidade já não falamos a língua.”* Pergunto para minha entrevistada se ela vê a necessidade de ter uma creche que atenda crianças de 0 a 3 anos em nossa comunidade, ao que ela afirma que, na opinião dela, vê que não é viável ainda *“devido a cultura nós perderíamos mais ainda da nossa cultura, pois o contato com os mais velhos da família quando nossa cultura é repassada ainda nos primeiros anos da criança.* No entanto pensando pelo lado de algumas mães trabalharem fora da aldeia, acha que seria uma saída para as mães deixarem seus filhos enquanto trabalham.

Da perspectiva das respostas às entrevistas e considerando o objetivo proposto nesta pesquisa que é investigar como se dá o ensino da Língua Terena na Educação

Infantil indígena, da Escola Indígena Alexina Rosa Figueiredo na Aldeia Indígena Buriti, localizada no município de Dois Irmãos do Buriti/MS, consideramos que há por parte dos gestores, professores e pais uma clareza de que ainda falta uma melhor estrutura física e de materiais pedagógicos. No entanto, a grande maioria compreende a importância e necessidade do funcionamento da educação infantil e creche na Aldeia Buriti, principalmente ao considerarem o tipo de vida que os pais têm necessidade de levar atualmente.

Entretanto, compreendem que se os pequenos em idade para creche pudessem ficar com os familiares mais velhos aprenderiam por meio da observação e exemplos como é a cultura dos Terena. Por outro lado, é interessante observar, principalmente nas entrevistas das mães e dos pais a importância da escola nessas faixas etárias para o desenvolvimento das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa relatou como se dá o ensino da Língua Terena na escola Alexina e como se deu o início e o processo da implantação da Educação Infantil na Escola polo Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, que foi reivindicação de pais da própria comunidade da Aldeia Buriti. E através do relato de pais e professores, vimos que a maioria, hoje, é a favor da criação de um Centro de Educação Infantil para a comunidade, pois existe uma demanda e os pais que trabalham precisam de um lugar seguro que garanta a educação para as crianças de 0 a 3 anos, uma vez que a escola começa atender a educação infantil a partir de 4 anos. A maioria dos entrevistados ressaltam que querem a implantação do Centro de Educação Infantil para o fortalecimento cultural Terena, assim como a escola vem sendo usada também.

Os objetivos específicos elencados são claramente respondidos no relato da maioria dos entrevistados, sejam os pais ou os professores e gestores, considerando que manifestam a preocupação com o modo de condução dessa educação; manifestam que seja segundo as pautas culturais próprias, respeitando suas línguas, seus costumes, suas identidades, suas histórias, seu modo de ser e, principalmente, que busque revitalizar a Língua Terena em seu território, por meio da educação infantil, envolvendo toda a família

e, conseqüentemente a comunidade.

Evidencia-se, também, a importância das políticas públicas de educação que busquem um ensino de qualidade na pré-escola para as crianças indígenas, pois, por meio dos relatos obtidos das entrevistas, podemos ver que ainda existem vários desafios a serem enfrentados quanto ao processo pedagógico nas escolas indígenas, sobretudo no que diz respeito ao ensino na língua materna e ao uso de materiais didáticos específicos.

Dessa forma, consideramos que esta pesquisa não esgota a temática, pelo contrário, mesmo dentro dos objetivos específicos estabelecidos a descrição do ensino da língua terena na Educação Infantil da Escola Alexina Rosa Figueiredo, aliada a reflexão sobre a necessidade do oferecimento da Educação Infantil às crianças de zero a três anos, da aldeia Buriti, explicitados pelos entrevistados, muito há a ser feito.

Finalmente, as entrevistas demonstraram a clareza dos entrevistados em relação à contribuição que um Centro de Educação Infantil tem para que a língua Terena seja fortalecida dentro da comunidade. Assim como a importância dela para a comunidade indígena da aldeia Buriti, considerada a forma como é desenvolvida atualmente na Aldeia, e que tenha uma estrutura própria a nível de ensino como precisa ser.

Referências

ALMEIDA, F. A. A. de. **A construção do processo escolar dos Terena da Aldeia Buriti**. Campo Grande, 2012. 129p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, 2012.

BALTAZAR, P. **O Processo Decisório dos Terena**. Dissertação. 2010, 92p. (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc-SP.

BANIWA, G. Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena. In: ALBUQUERQUE, G. R. (org). **Das margens**. Rio Branco: Nepan Editora, 2016.

BETHELL, L. Todos contra o Paraguai. **Revista de História**, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, p. 1-5, 2012.

BITTENCOURT, C. M. LADAEIRA, M. E. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília/DF: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB Nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 13, de 10 de maio de 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena**. Brasília, DF: MEC, 2012b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10806-pceb013-12-pdf&Itemid=30192.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola, 2007. 166 p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O processo de assimilação dos Terêna**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terena numa sociedade de classes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Terezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita: o que está em jogo?** Campinas: CEFIEL/UNICAMP/MEC, 2005.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. PEREIRA, L. M. **Terra Indígena Buriti**: perícia antropológica, arqueológica e histórica sobre uma terra terena na Serra de Maracaju, Mato Grosso do Sul. Dourados: Editora UFGD, 2012.

ESCOLA POLO MUNICIPAL Indígena Alexina Rosa Figueredo. **Projeto Político Pedagógico (PPP)** - Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueredo. Dois Irmãos de Buriti, MS: Secretaria Municipal de Educação, 2017.

FARIAS, E. B. **A criança indígena terena da aldeia Buriti, em mato grosso do sul: O Primeiro contato escolar.** Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2015.

HENRIQUES, R.; GESTEIRA, K.; GRILLO, S; CHAMUSCA, A. (org.). **Cadernos SECAD 3: Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Brasília, DF: Cadernos SECAD/MEC/BRASIL, 2007.

LARAIA, ROQUE DE BARROS, 1932- **Cultura: um conceito antropológico** / Roque de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

LOPES DA SILVA, ARACY; LEAL FERREIRA, MARIANA KAWAL (Org.). **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola.** São Paulo: Global, 2001. 398 p.

MACHADO, M. A. **Educação infantil: criança Guarani e Kaiowá da Reserva Indígena de Dourados.** 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

MAMEDE, G. A. **A Língua Terena na Aldeia Buriti-MS: Realidade Sociolinguística e Políticas Linguísticas.** Dissertação de Mestrado em Letras/ UFGD- MS, 2017.

MARTINS, G. R. **Breve painel étnico-histórico de Mato Grosso do Sul.** 2ª ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2002.

MARTINS, A.M.S; CHAMORRO, G. Diversidade linguística em Mato Grosso do Sul. In: CHAMORRO, G.; COMBÈS, I (orgs). **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais.** Dourados, MS: UFGD, 2015, p.934.

NINCAO, ONILDA SANCHES. **“Kóho Yoko Hovôvo/O Tuiuiú e o Sapo”:** identidade, biletamento e política lingüística na formação continuada de professores Terena / Onilda Sanches Nincao. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

PINTO, G. A. **O protagonismo da Escola Polo Indígena Terena Alexina Rosa Figueiredo, da Aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul, no processo de retomada do território da terra Indígena Buriti.** Campo Grande. 2016. 115f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco.

SOUZA, I.; FERREIRA, R.V. Breve reflexão sobre a diversidade linguística e os povos indígenas em MS. In: AGUILERA URQUIZA, A.H. **Antropologia e história dos povos indígenas in: mato grosso do sul.** Campo Grande, MS: UFMS, 2016.

TONETO, B. **Educação infantil indígena: o que é melhor para os curumins?** Revista Criança, São Paulo, 2007. Disponível em: www.2.ufpl.edu.br/CIC/2008/cd/pages/pdf/CS/cs-01573.

A N E X O S

data / /
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Pergunta elaborada para os pais.

01) Você acha importante a Educação Infantil Escolar?

02) Você acha necessário oferecer creche de 0 a 3 anos na comunidade da Aldeia Buriti?

03) Qual sua opinião do que se deve trabalhar na Educação Infantil de 4 e 5 anos?

04) Na sua opinião, o que seria importante trabalhar na Educação Infantil de 0 a 3 anos?

data

S T Q Q S S D

Perguntas para os professores:

- 01) Quando iniciou a Educação Infantil na Escola Alexina?
- 02) Possui material didático pedagógico?
- 03) Como funciona o Ensino da Educação Infantil?
- 04) O Ambiente Escolar é adequado para essa faixa etária?
- 05) Qual sua opinião sobre a criação do centro de Educação Infantil na Comunidade?



Escola Polo Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo



Turma da Pré-escola I com a professora Reinalda Valente França participando das atividades da semana Cultural 2015.



Professora Reinalda juntamente com seus alunos da Pré-escola I



Meninos da Pré-escola II com trajes típico Terena para Dançar na atividade da semana cultural 2016.



Mesa com comidas típicas.



Alunos da P

das típicas.



Alunos da pré-escola II no ano de 2022



Aluno da Pré-escola I, exibindo sua atividade feita.



Professora Carla Soliane e seus Alunos da Pré-escola II, prontos para a formatura.



Formatura da Pré-escola II